

Boletim Agropecuário

Nº 162, nov./2026

Epagri | CEPA
Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola

GOVERNO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

GOVSC
SECRETARIA
AGRICULTURA
E PECUÁRIA

Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabrícia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pesqueira

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Éverton Blainski
Ciência, Tecnologia e Inovação

Epagri

Boletim Agropecuário

N° 162, nov./2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

José Antônio Louzada

João Rogério Alves

Henrique Oldoni

Lillian Bastian

Rogério Goulart Junior

Epagri

Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-001
Fone: (48) 3665-5078
Site: https://cepa.epagri.sc.gov.br/
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Dilvan Ferrari

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns
Andriele Caroline De Morais
Bruna Parente Porto
Catherine Amorim
Édila Gonçalves Botelho
Emile Dayara Rabelo Santana
Evandro Uberdan Anater
Fabio Feltrin Fabro
Gabriella Cristina Sevald
Lucas Trindade Borges
Maiara Antunes
Valdenize Pianaro
Valmir Kretschmer

Diagramação: Édila Gonçalves Botelho

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: nov/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.
A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, https://cepa.epagri.sc.gov.br/. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite

Presidente da Epagri



Sumário

Fruticultura 7
Grãos 13
Hortaliças 36
Pecuária 45



Fruticultura

Banana.....8

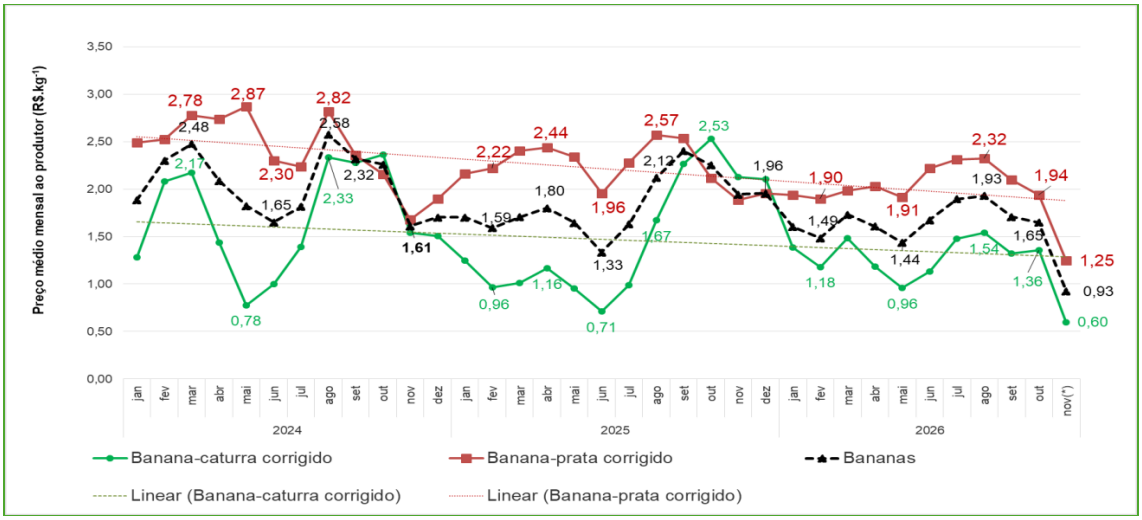
Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de bananas em Santa Catarina entre setembro e outubro de 2026 apresentou forte desvalorização de preços ao produtor da banana-caturra e da banana-prata devido ao aumento da maturação dos cachos nos bananais e aumento da oferta no mercado nacional, sendo que em novembro a expectativa é de preços abaixo dos custos de produção pressionando a margem dos produtores na safra.

Preços e mercado estadual

Figura 1 - Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor



Fonte: Epagri/Cepa, 2026
Nota: (*) até 6 de nov./26; preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – out./26=100).

Entre setembro e outubro de 2026, as cotações da **banana-caturra** apresentaram leve recuperação de 2,6%, depois de redução de 14,1% entre agosto e setembro devido ao aumento no volume ofertado e menor qualidade da fruta para comercialização no mercado. No comparativo entre outubro de 2026 e os preços dos anos anteriores houve desvalorização de 47,4% em relação ao ano anterior, e de 43,7% na comparação a 2024. Para o mês de novembro, os produtores estão em alerta com a desvalorização nos preços, devido à maior oferta estadual e nacional da fruta e menor demanda relativa no mercado, onde os preços estão abaixo dos custos de produção próximos a R$ 1,00 o quilo.

Para a banana-prata, entre setembro e outubro de 2026, manteve desvalorização de 7,5% nos preços com maior volume ofertado, depois de redução de 9,8% entre agosto e setembro. Em outubro, as cotações estão 10% desvalorizadas, em relação às do mesmo mês do ano anterior, e de 11,7% em comparação a 2024. Em novembro, a expectativa é de desvalorização nos preços da banana-prata com aumento na oferta e concorrência com outras frutas e preços bem abaixo dos anos anteriores para a variedade.

Na média, entre setembro e outubro de 2026, houve desvalorização nos preços das bananas, com diminuição de 3,6%. Em outubro, as cotações médias estão 30,4% desvalorizadas em relação ao ano anterior e 28,4% em comparação a 2024. Em novembro, a expectativa é de manutenção na desvalorização dos preços de ambas as variedades com a maior oferta devido ao aumento de áreas e a maior maturação dos cachos na nos bananais e menor qualidade para comercialização no varejo, além concorrência com outras as frutas. Os produtores estão em alerta sobre a situação dos preços negociados e os custos de produção da safra corrente, 2026/27.

No 3º trimestre de 2026, o preço médio ao produtor da banana-caturra reduziu 13,5% em relação à 2025 e 29,0% na comparação com 2024. Para a banana-prata as cotações estão desvalorizadas 10,5% em relação ao ano anterior e 10,9% no comparativo com 2024. Em média a banana reduziu as cotações 11,7% no 3º trimestre de 2026 em relação ao mesmo período de 2025 e 19,0% na comparação com 2024.

Tabela 1 – Banana - Santa Catarina: preço médio ao produtor (R$.kg^{-1})$^{(*)}$ nas principais praças

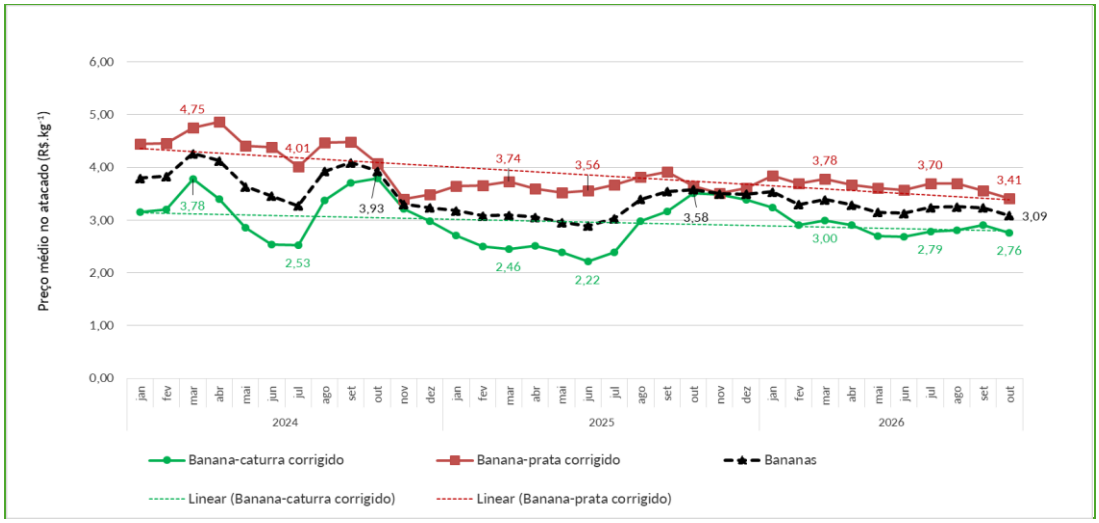
Praça	Mês				Var. (%)
	Ago. 2026	Set. 2026	Out. 2026	Nov. 2026(**)	Out. / Set.2026
Litoral Norte					
Caturra	1,30	0,98	0,94	0,60	-4,8%
Prata	2,30	1,86	1,78	1,25	-4,0%
Litoral Sul					
Caturra	1,70	1,66	1,78	1,49	6,8%
Prata	2,23	2,27	2,10	1,91	-7,5%

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, novembro/2026
Nota: $^{(*)}$ valores em R$/cx. 20 kg transformados em R$.kg.$^{-1}$; $^{(**)}$ até o dia 7 do mês.

No Litoral Norte Catarinense, entre setembro e outubro de 2026, houve desvalorização nos preços da banana-caturra com maior disponibilidade da fruta. Em outubro, predominou tempo chuvoso e com pouca luminosidade, condição que pode prejudicar o calibre das frutas e aumentar e ocorrência de doenças fúngicas. A elevação das temperaturas, aumentou a maturação dos cachos nos bananais resultando em maior produção. Para novembro é estimada desvalorização de mais de 28% nas cotações da banana-caturra, com a maior oferta e menor qualidade da fruta. Com problemas na no escoamento e comercialização, na primeira semana do mês os preços negociados não cobrem os custos de produção médios.

No Litoral Sul Catarinense, a banana-prata apresentou desvalorização nas cotações, entre setembro e outubro. No mês de outubro, houve grande variação nas condições climáticas, com semanas de chuvas e temporais. Para a banana-prata, o excesso de umidade aumentou a preocupação de problemas fitossanitários. Além disso, variações na temperatura representaram risco à qualidade dos cachos. Para novembro é esperada desvalorização das cotações da banana-prata com menor demanda da variedade e a maior concorrência com outras frutas da época.

Figura 2 – Banana - Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC



Fonte: Epagri/Cepa, 2026
Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – out./26=100).

No mercado atacadista estadual, entre setembro e outubro, houve desvalorização de 5,1% nas cotações da banana-caturra e de 4,2% nas de banana-prata. O aumento da oferta nacional, a menor qualidade da banana e concorrência de outras frutas da época pressionaram a queda nas cotações. Ao comparar o mês de outubro com o do ano anterior, os preços apresentaram desvalorização de 21,4% para a banana-caturra e de 6,5% para a banana-prata. Em novembro a estimativa é de maior desvalorização dos preços com o aumento da oferta nas regiões produtoras e menor qualidade das frutas para a comecialização da banana-caturra e da banana-prata com menor demanda pela concorrência com outras frutas.

No 3º trimestre de 2026, o preço médio da banana-caturra reduziu 0,3% em relação à 2025 e 11,5% na comparação com 2024. Para a banana-prata as cotações estão desvalorizadas 3,9% em relação ao ano anterior e 15,5% no comparativo com 2024. Em média a banana reduziu as cotações 2,4% no 3º trimestre de 2026 em relação ao mesmo período de 2025 e 13,8% na comparação com 2024.

Preço e mercado nacional

Tabela 2 - Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R$.kg^{-1})$^{(*)}$ nas principais praças

Praça	Mês				Variação (%)
	Ago./26	Set./26	Out./26	Nov./26(**)	Out./Set. 2026
Bom Jesus da Lapa (BA)					
Nanica	1,80	1,10	0,88	1,03	-20,0
Prata	2,42	1,84	1,71	1,87	-7,1
Norte de Minas Gerais (MG)					
Nanica	1,93	1,30	0,98	1,16	-24,6
Prata	3,00	2,77	2,57	2,63	-7,2
Vale do Ribeira (SP)					
Nanica	1,70	1,43	1,33	1,18	-7,0
Prata	2,40	2,08	1,91	1,85	-8,2
Vale do São Francisco (BA e PE)					
Nanica	-	-	-	-	-
Prata	2,09	1,61	1,31	1,50	-18,6

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP.
Nota: $^{(*)}$ Preço médio mensal em R$.kg^{-1}; $^{(**)}$ até dia 06 do mês.

Entre setembro e novembro de 2026, o mercado brasileiro de banana apresentou oscilações na oferta e nas cotações, influenciadas principalmente pelas condições climáticas associadas ao El Niño, pela redução da demanda e pela concorrência entre as regiões produtoras. Enquanto o excesso de chuvas provocou perdas em algumas localidades, o calor intenso, a estiagem e a elevada radiação solar comprometeram a produtividade e a qualidade dos frutos em outras regiões.

A região do Vale do Ribeira foi fortemente afetada pelas enchentes de setembro, principalmente nos municípios, provocando apodrecimento das raízes, perdas de plantas e necessidade de replantio dos bananais. Somados aos efeitos da estiagem anterior e às condições climáticas favoráveis à incidência de doenças, esses fatores comprometeram o potencial produtivo e deverão restringir a oferta, especialmente no primeiro semestre de 2027. O Norte de Minas Gerais apresentou maior oferta de banana nanica em setembro, favorecida pelas temperaturas elevadas e pela maturação acelerada dos cachos, pressionando as cotações. Entretanto, a redução gradual da disponibilidade a partir da segunda quinzena de outubro favoreceu a recuperação dos preços. Para a prata, apesar da oferta controlada, a concorrência com outras regiões produtoras e a demanda enfraquecida provocaram desvalorização.

No Vale do São Francisco a comercialização da banana prata apresentou estabilidade em setembro, sustentada pela oferta controlada e pelas condições favoráveis ao desenvolvimento dos bananais, com utilização da irrigação para compensar a escassez de chuvas. Em outubro, a redução da disponibilidade e a resistência dos produtores em comercializar a fruta por preços inferiores aos desejados favoreceram a valorização das cotações. Entretanto, a demanda permaneceu retraída, com parte dos compradores direcionando suas aquisições para outras regiões produtoras. Em Bom Jesus da Lapa a região enfrentou dificuldades produtivas decorrentes das temperaturas elevadas, da irregularidade das chuvas, da alta radiação solar e dos menores investimentos nos tratos culturais. Esses fatores comprometeram a produtividade e a qualidade dos frutos, especialmente da banana prata, cuja produção também foi prejudicada pela incidência de mal-do-Panamá. Em outubro, o escurecimento da casca e os danos provocados pela exposição solar continuaram limitando a qualidade comercial.

Apesar das restrições de oferta em algumas localidades, a demanda enfraquecida, a concorrência entre as regiões produtoras e a pressão dos intermediários limitaram a valorização dos preços recebidos pelos produtores. Para os próximos meses, o comportamento climático, a recuperação dos bananais e a evolução da oferta e do consumo serão determinantes para a formação das cotações e o desempenho da bananicultura brasileira.

Comparativo e evolução de safra

Comparativo de safras - Banana total

Microrregiões	Safra 2025/26			Estimativa 2026/27			Variação (%)			2026/27
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg.ha^{-1})	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg.ha^{-1})	Área colhida	Produção	Prod. média	Partic. na produção (%)
Blumenau	5.177	159.809	30.869	5.186	159.712	30.797	0,17	-0,06	-0,23	20,51
Itajaí	3.944	119.190	30.221	3.980	121.280	30.472	0,91	1,75	0,83	15,57
Joinville	12.358	360.493	29.171	12.445	365.044	29.333	0,70	1,26	0,55	46,87
São Bento do Sul	510	13.012	25.513	510	16.545	32.441	0,00	27,16	27,16	2,12
Araranguá	5.775	94.092	16.293	5.771	92.999	16.115	-0,07	-1,16	-1,09	11,94
Criciúma	1.320	23.014	17.435	1.373	21.971	16.002	4,02	-4,53	-8,22	2,82
Tubarão	95	1.039	10.939	119	1.227	10.313	25,26	18,10	-5,72	0,16
Total	**29.179**	**770.648**	**26.411**	**29.384**	**778.778**	**26.503**	**0,70**	**1,05**	**0,35**	**100,00**
Litoral Norte	21.989	652.504	29.674	22.121	662.581	29.953	0,60	1,54	0,94	85,08
Litoral Sul	7.190	118.145	16.432	7.263	116.197	15.998	1,02	-1,65	-2,64	14,92

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2026

Participação da banana-caturra

Microrregiões	Safra 2025/26			Estimativa 2026/27			Variação (%)			2026/27
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg.ha^{-1})	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg.ha^{-1})	Área colhida	Produção	Prod. média	Partic. na produção (%)
Blumenau	4.765	151.662	31.828	4.795	151.902	31.679	0,63	0,16	-0,47	24,24
Itajaí	3.349	107.357	32.056	3.365	109.100	32.422	0,48	1,62	1,14	17,41
Joinville	10.581	322.010	30.433	10.456	319.025	30.511	-1,18	-0,93	0,26	50,91
São Bento do Sul	320	8.960	28.000	340	12.920	38.000	6,25	44,20	35,71	2,06
Araranguá	1.278	25.960	20.313	1.179	23.722	20.121	-7,75	-8,62	-0,95	3,79
Criciúma	478	9.956	20.828	480	10.000	20.833	0,42	0,44	0,02	1,60
Tubarão	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Total	**20.771**	**625.904**	**30.134**	**20.615**	**626.669**	**30.399**	**-0,75**	**0,12**	**0,88**	**100,00**
Litoral Norte	19.015	589.989	31.028	18.956	592.947	31.280	-0,31	0,50	0,81	94,62
Litoral Sul	1.756	35.916	20.453	1.659	33.722	20.327	-5,52	-6,11	-0,62	5,38

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Participação da banana-prata

Microrregiões	Safra 2025/26			Estimativa 2026/27			Variação (%)			2026/27
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg.ha^{-1})	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg.ha^{-1})	Área colhida	Produção	Prod. média	Partic. na produção (%)
Blumenau	412	8.147	19.774	391	7.810	19.975	-5,10	-4,13	1,02	5,13
Itajaí	595	11.834	19.888	615	12.180	19.805	3,36	2,93	-0,42	8,01
Joinville	1.777	38.483	21.656	1.989	46.019	23.137	11,93	19,58	6,84	30,25
São Bento do Sul	190	4.052	21.324	170	3.625	21.324	-10,5%	-10,53	0,00	2,38
Araranguá	4.497	68.132	15.151	4.592	69.276	15.086	2,11	1,68	-0,42	45,54
Criciúma	842	13.058	15.508	893	11.971	13.405	6,06	-8,32	-13,56	7,87
Tubarão	95	1.039	10.939	119	1.227	10.313	25,26	18,10	-5,72	0,81
Total	**8.408**	**144.744**	**17.215**	**8.769**	**152.109**	**17.346**	**4,29**	**5,09**	**0,76**	**100,00**
Litoral Norte	2.974	62.515	21.020	3.165	69.634	22.001	6,42	11,39	4,67	45,78
Litoral Sul	5.434	82.229	15.132	5.604	82.475	14.717	3,13	0,30	-2,74	54,22

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2026

No comparativo de safras, a estimativa da safra 2026/27 é de aumento de 1,05% na produção de banana, em relação à da safra anterior, com acréscimo de 0,70% na área em produção, com crescimento de 0,35% na produtividade média estadual. As microrregiões do Litoral Norte Catarinense representam 85,1% do total, enquanto as do Litoral Sul Catarinense representam os outros 14,9% da produção de banana no Estado. Para a banana-caturra a expectativa é de aumento de 0,12% na produção em comparação a safra anterior e diminuição de área colhida de 0,75%, com crescimento de 0,88% na produtividade média. Já na produção de banana-prata estima-se aumento de 5,09% em comparação a safra de 2025/26 e aumento de 4,29% na área colhida, com crescimento de 0,76% na produtividade média.



Grãos

Arroz 14
Feijão 17
Milho 21
Soja 26
Trigo 31

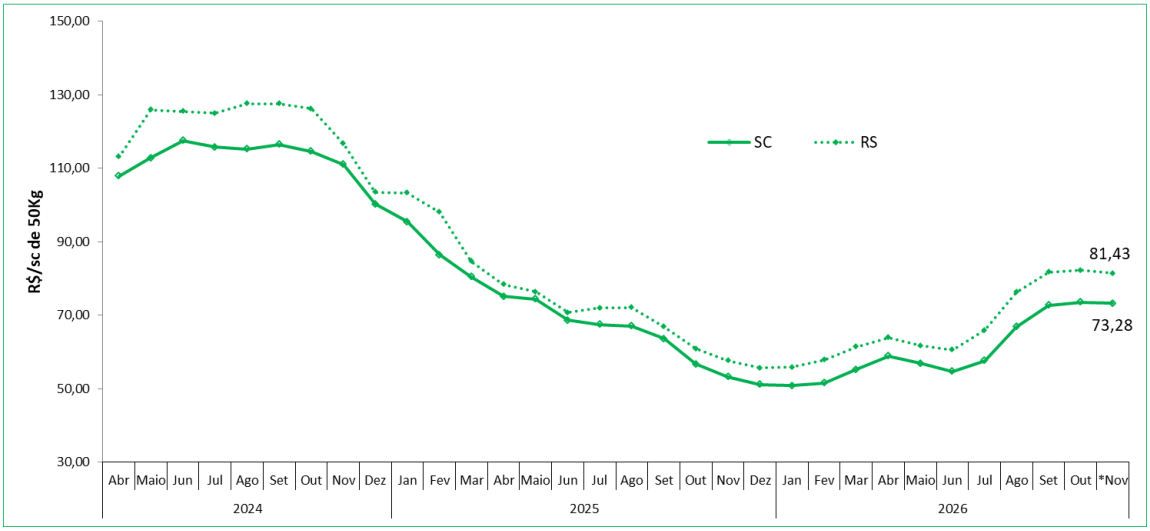
Arroz

José Antônio Louzada
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
joselouzada@epagri.sc.gov.br

Mercado

O arroz irrigado apresentou aumento de preço para o mês de outubro. Esse foi o período com melhor desempenho de preço, desde abril de 2025, considerando Rio grande do Sul e Santa Catarina. Contudo, as expectativas para o mês de novembro tendem à redução no preço do arroz. Tal processo se associa às baixas movimentações de compras de arroz por parte das indústrias e da resistência de comercialização por parte dos produtores, aliado ao plantio da safra 2026/27. Em outubro, o preço médio da saca de 50kg de arroz em Santa Catarina foi de R$73,54, com avanço de 2,3% em relação a setembro. Para esse mesmo período, no Rio Grande do Sul, o preço alcançou R$82,27 para a saca de 50Kg, um acréscimo de 1,8% em relação a agosto. Nos primeiros 10 dias de novembro, a média parcial para Santa Catarina fechou em R$73,28/saca de 50Kg (decréscimo de 0,4% em relação a outubro) e no Rio Grande do Sul fechou em R$81,43 (redução de 1,0% em relação a setembro).

Figura 1 - Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a nov./2026*)



Fonte: SC – Epagri/Cepa, RS – Cepea, novembro/2026
Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.
(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Comércio Exterior

O comércio internacional do arroz indica desempenho favorável para as exportações de arroz brasileiras com US$421,83 milhões frente à importação de US$ 361,46 milhões, conforme demonstram os dados acumulados de janeiro a outubro de 2026, disponíveis na plataforma Comex Stat do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). As exportações brasileiras de arroz, no acumulado de janeiro a outubro de 2026, representam 92,1% do total exportado para todo o ano de 2025, equivalente a US$ 457,92 milhões. O Rio Grande do Sul exportou US$406,17 milhões de arroz, o que representa 96,1% do total nacional,

com destaque para as relações comerciais com países da América Latina e Caribe, e da África. Para o acumulado de janeiro a outubro de 2026, o estado de Santa Catarina contribuiu com US$9,27 milhões de exportação de arroz, valor que representa 4,3 vezes a exportação de todo o ano de 2025, e com participação no Brasil de 2,2% do total de arroz exportado. Desse modo, ocorre o predomínio de exportação de arroz com casca (*paddy*) pelo estado. A América Latina e Caribe também se destacam no âmbito das exportações de Santa Catarina.

Tabela 1 - Arroz - Evolução das exportações e importações anuais do Brasil e estados selecionados – (2020 a 2026*)

Ano	Exportações (US$ milhões)			Importações (US$ milhões)	
	BR	RS	SC	BR	SC
2020	503,58	452,95	20,45	376,53	27,48
2021	359,09	330,69	7,48	316,79	11,82
2022	656,33	638,60	4,08	349,99	12,76
2023	621,46	604,45	9,72	529,37	26,01
2024	561,17	541,59	3,84	679,62	31,09
2025	457,92	447,70	2,16	390,08	12,03
2026*	421,83	406,17	9,27	361,46	15,34

Fonte: Comex Stat/Mdic, novembro/2026
(*) Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro a outubro.

As importações brasileiras de arroz somaram US$361,46 milhões, valor que representa 92,7% do total de US$390,08 milhões importados durante todo o ano de 2025. Santa Catarina importou US$15,34 milhões, montante que ultrapassou os US$12,03 milhões registrados em todo o ano de 2025. Os países do Mercosul se destacam nessa relação comercial de importação para o Brasil e para Santa Catarina, sobretudo o Uruguai, Paraguai e Argentina. Destaca-se o predomínio de importação de arroz beneficiado (polido/brunido) por Santa Catarina, com vistas ao suprimento da demanda de consumo local e da indústria.

Ao comparar as exportações e importações, o Brasil apresentou superávit de aproximadamente US$60,37 milhões no comércio internacional de arroz, entre janeiro e outubro de 2026. Considerando esse mesmo período, Santa Catarina está com um déficit na balança comercial de US$6,07 milhões, com as importações de arroz superando as exportações.

Acompanhamento de safra

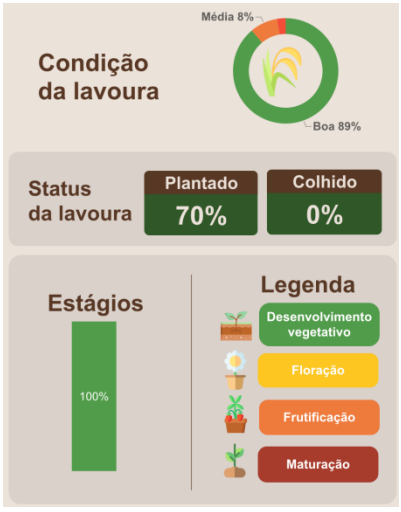
Conforme as estimativas da Epagri/Cepa, a safra de arroz 2026/27 em Santa Catarina tende a ter um impacto de redução na produção e produtividade, ambas na faixa aproximada de 6,7% e com manutenção da área de plantio, frente à safra 2025/26. Os dados da mesma fonte trazem a previsão de 143,4 mil hectares de plantio de arroz, com produção de 1,2 milhão de toneladas e produtividade média de 8.420 Kg/ha (168,4 sacas/ha). O cultivo de arroz mantém sua distribuição concentrada no Litoral Sul (66,0%), seguida pelo Litoral Norte (22,8%), Alto Vale do Itajaí (8,8%) e Grande Florianópolis (2,4%). As estimativas de redução nos índices da safra podem estar associadas à influência do *El Niño*, o qual tem se manifestado através de chuvas intensas e provocado enxurradas nas regiões produtoras de arroz em Santa Catarina. Vale destacar que as áreas afetadas no final de setembro passaram por ressemeadura em outubro.

Tabela 2 - Arroz - Comparativo de safras

Microrregião	2025/26			Estimativa safra 2026/27				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Partic. da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.434	9.411	549.896	58.454	8.390	490.437	40,61	0,03	-10,85	-10,81
Blumenau	6.993	8.852	61.904	6.962	8.630	60.082	4,98	-0,44	-2,51	-2,94
Criciúma	21.889	9.162	200.539	21.989	8.424	185.232	15,34	0,46	-8,06	-7,63
Florianópolis	2.080	6.571	13.668	2.050	6.535	13.398	1,11	-1,44	-0,54	-1,98
Itajaí	8.504	8.503	72.307	8.504	8.420	71.602	5,93	0,00	-0,98	-0,98
Ituporanga	180	9.002	1.620	180	9.000	1.620	0,13	0,00	-0,02	-0,02
Joinville	17.525	8.137	142.603	17.399	8.254	143.614	11,89	-0,72	1,44	0,71
Rio do Sul	9.896	10.378	102.696	9.996	10.363	103.592	8,58	1,01	-0,14	0,87
Tabuleiro	120	6.723	807	120	7.000	840	0,07	0,00	4,12	4,12
Tijucas	1.960	7.322	14.352	1.960	7.476	14.652	1,21	0,00	2,10	2,09
Tubarão	15.802	8.494	134.218	15.802	7.753	122.519	10,15	0,00	-8,72	-8,72
Santa Catarina	**143.383**	**9.029**	**1.294.610**	**143.416**	**8.420**	**1.207.589**	**100,00**	**0,02**	**-6,74**	**-6,72**

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026

Ao comparar a safra atual com a safra 2025/26, as estimativas da Epagri/Cepa destacam as maiores reduções de produção e produtividade para o Litoral Sul de Santa Catarina, com destaque para as microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão. Essas áreas de cultivo de arroz foram afetadas por chuvas intensas ao final de setembro, o que pode explicar os índices de redução. Contudo, essas áreas começam a se recuperar em outubro, apresentando melhoras nas estimativas de produção e produtividade. Nesse caso, destacam-se os municípios de Turvo e Ermo, microrregião de Araranguá, que após ressemeadura apresentaram reestabelecimento das lavouras, permitindo reduzir as estimativas de perdas na produção e produtividade média. A área destinada ao cultivo de arroz em Santa Catarina está 70% plantada e se encontra em fase de período vegetativo. Embora o período de intensas chuvas, baixa luminosidade e amplitude térmica, no mês de setembro, contribuíram para o atraso da semeadura, as condições da lavoura estão boas para 89% das áreas de cultivo, médias para 8% e ruim para 3% das áreas. O atraso na semeadura justifica-se, sobretudo pelo período chuvoso, que persistiu no mês de outubro, e devido à necessidade de replantio das áreas que foram afetadas pelas enchentes no início da primavera, principalmente nas regiões do Litoral Sul e Alto Vale do Itajaí.



Os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para o arroz, conforme o Acompanhamento de Safra Brasileira de Grãos, estimam para a safra 2026/27 uma produção de 10,75 milhões de toneladas frente às 11,08 milhões de toneladas de 2025/26, apresentando uma estimativa de redução de 2,9%. Esses dados também apontam estimativas de queda para a produtividade, com rendimento de 7.303 Kg/ha na safra 2025/26 frente a 7.031 Kg/ha para outubro de 2026, demonstrando uma redução de 3,7% em tal índice. Entre outros fatores, esses valores de retração estão associados, em boa medida, ao fenômeno *El Niño.*

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de outubro, o mercado de feijão manteve comportamento firme em relação ao preço médio recebido pelos produtores. Em Santa Catarina, as cotações do feijão-carioca registraram valorização mensal de 0,7%, fechando o período em R$ 270,63/sc 60 kg. Já o feijão-preto apresentou elevação de 8,0%, encerrando o mês cotado a R$ 217,82/sc 60 kg. Na comparação anual, o feijão-carioca acumulou valorização anual de 69%.

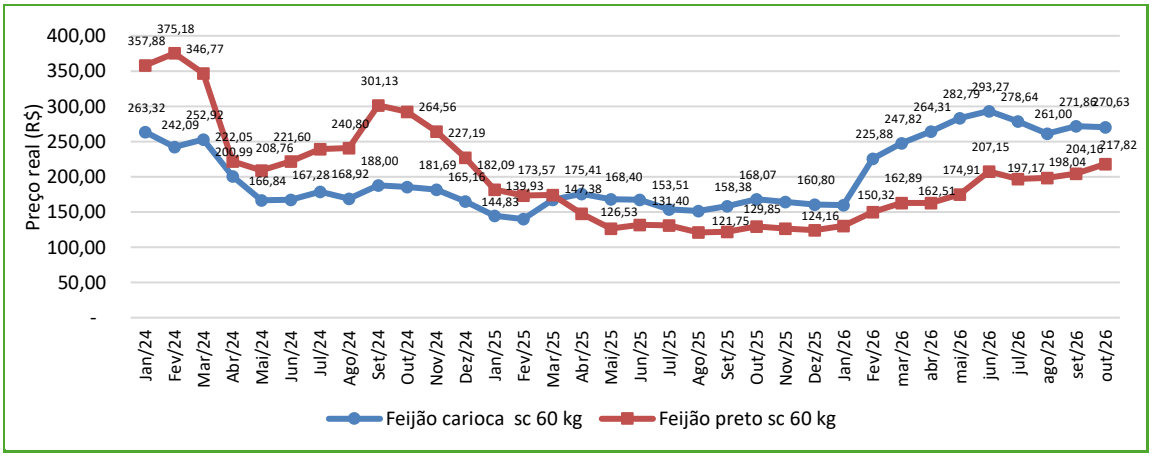
Tabela 1 - Feijão BR - Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60 kg)

Estado	Tipo	Set. /26	Out. /26	Variação mensal (%)	Out. /25	Variação anual (%)
Santa Catarina	**Feijão-carioca**	**268,77**	**270,63**	**0,69**	**160,03**	**69,11**
Paraná		286,82	302,07	5,32	192,35	57,04
Minas Gerais		305,00	307,55	0,84	253,43	21,36
Bahia		328,66	316,05	-3,84	221,75	42,53
São Paulo		334,45	343,02	2,56	242,02	41,73
Goiás		297,88	306,94	3,04	223,78	37,16
Santa Catarina	**Feijão-preto**	**201,84**	**217,82**	**7,92**	**123,63**	**76,19**
Paraná		203,39	229,45	12,81	131,65	74,29
Rio Grande do Sul		180,94	207,14	14,48	111,34	86,04

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP, RS), Deral (PR), novembro/2026

O mercado brasileiro de feijão em outubro de 2026 foi marcado por uma forte valorização, especialmente do feijão-preto, impulsionada pela oferta restrita na entressafra e por problemas climáticos que estão prejudicando a colheita na região Sudeste e o desenvolvimento das lavouras no Sul do país. Em Santa Catarina, o feijão-preto subiu praticamente 8,0% apenas em outubro, atingindo o maior patamar real em dois anos (desde dezembro de 2024). No acumulado de 2026, a alta chega a 67,4%, e em relação a outubro do ano passado, o avanço é de 76,2%. O feijão-carioca apresentou oscilações mais moderadas e momentos de menor liquidez ou negociações travadas devido à cautela dos compradores no varejo, embora os preços continuassem sustentados por lotes de melhor qualidade.

Figura 1 - Feijão - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (jan. /2024 a out./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
Nota: preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Safra Nacional

O monitoramento semanal das condições de lavoura da Conab, até o dia 09 de novembro, 44,3% da área cultivada em todo país com feijão 1ª safra já havia sido semeada. Desse total, 29,5% da área encontrava-se em fase emergência; 52,7% em desenvolvimento vegetativo; 9,2% em colheita; 4,0% em maturação; 3,5% em floração e 1,1% em maturação. Em Minas Gerais o plantio avança, com destaque para o Sul de Minas e o Noroeste mineiro, devido às chuvas. Na Bahia, foram registradas chuvas nas regiões Oeste e Centro-Sul, favorecendo o avanço do plantio e o desenvolvimento inicial das lavoras. Em Goiás, as chuvas favorecem a semeadura e o desenvolvimento das lavouras, especialmente no Leste do estado. No Rio Grande do Sul, as lavouras já implantadas seguem em evolução, porém há preocupação com o excesso de umidade em decorrência das chuvas. No Paraná, as chuvas seguem ditando o ritmo de plantio e limitando o desenvolvimento da cultura em razão do excesso de umidade. Algumas lavouras passam por replantio.

A Conab estima a produção brasileira de feijão para a safra 2026/27 em 2,93 milhões de toneladas, o que representa um recuo de 0,7% em relação aos 2,95 milhões de toneladas da safra 2025/26. Essa redução é motivada pela queda projetada de 0,9% na produtividade (1.151 kg/ha), superando o leve aumento de 0,2% na área cultivada (2.546 mil ha). O crescimento das áreas destinadas ao feijão preto e de cores não foi suficiente para compensar a retração no cultivo do feijão-caupi, cenário agravado pelo desestímulo provocado pela incidência de mosca-branca em polos produtores estratégicos.

No mercado externo, as exportações do ciclo 2025/26 foram revisadas para 460 mil toneladas devido à forte demanda asiática, mas devem recuar para 310 mil toneladas em 2026/27 em virtude da menor disponibilidade interna. O consumo doméstico mantém tendência de ligeira queda, impulsionado por mudanças nos hábitos alimentares, passando de 2,68 milhões de toneladas na safra 2025/26 para 2,65 milhões em 2026/27. Com o equilíbrio entre oferta e demanda, os estoques de passagem encontram-se em baixo nível, o menor das últimas cinco safra, mas evoluindo de 98 mil toneladas em dezembro de 2026 para 136 mil toneladas ao final de 2027.

Tabela 2 - Feijão – BR: quadro de oferta e demanda (mil toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Demanda Total	Estoque Final
2022/23	202	3.037	69	3.308	2.850	139	2.989	319
2023/24	319	3.199	22	3.540	2.800	344	3.144	396
2024/25	396	3.060	13	3.469	2.700	533	3.233	236
2025/26	236	2.950	53	3.239	2.680	460	3.140	98
2026/27	98	2.930	67	3.096	2.650	310	2.960	136

Fonte: Conab, novembro/2026
Nota: Estimativa em outubro/2026.
Legenda: (*) estimativa. (**) projeção.

As exportações brasileiras de feijão somaram 462,9 mil toneladas até outubro de 2026, volume que já representa 87% do total embarcado pelo país ao longo de todo o ano de 2025. Os envios concentram-se em variedades voltadas ao mercado asiático, como o feijão-fradinho e o feijão-mungo. O destaque vai para a Índia, que neste ano responde por mais de 74% de todo o volume comercializado internacionalmente. Desse total direcionado ao país asiático, o feijão-mungo representa 85,4%, o feijão-fradinho responde por 11,5% e outras variedades correspondem a 3,1%.

Como o consumo interno é amplamente dominado pelos tipos carioca e preto, o crescimento das vendas externas tem impacto mínimo sobre a disponibilidade do produto no mercado doméstico. No caso do feijão preto, variedade tradicionalmente cultivada em território catarinense, em anos com excesso de oferta, os preços pagos aos produtores caem significativamente, o que desestimula o seu cultivo e, muitas vezes, remunera a atividade bem abaixo dos custos de produção. Nesse cenário, esse produto poderia ser direcionado ao mercado externo, configurando uma alternativa para garantir a estabilidade de preços (em dólar) e estimular o aumento da oferta voltada a esse fim.

Nos dois últimos anos, observou-se um volume expressivo nas exportações brasileiras de feijão preto. Contudo, na safra atual, a área plantada no país sofreu uma forte retração devido aos problemas climáticos durante o ciclo e em função dos baixos preços praticados na época do plantio. Como resultado, em 2026 foram exportadas, até o momento, apenas 18,9 mil toneladas da variedade, tendo como principais destinos Cuba (36%), Venezuela (27%) e Índia (8,4%).

Tabela 3 - Feijão BR - Exportações – 2024 a 2026

NCM - Nomenclatura Comum do Mercosul	Exportação (t)		
	2024	2025	2026*
Outros feijões (vigna mungo ou radiata)	92.511	273.298	353.125
Feijão-fradinho	88.671	93.680	55.283
Outros feijões comuns	67.986	86.130	32.771
Outros feijões comuns, pretos	91.128	74.429	18.945
Outros feijões (Vigna ou Phaseolus)	1.705	1.697	1.198
Outros feijões adzuki (Phaseolus ou Vigna angularis)	281	973	713
Feijão-guando (Cajanus cajan), exceto p/ semeadura	57	9	381
Outros feijões comuns, brancos	601	2.944	360
Outros feijões, para semeadura	787	43	172
Total	**343.670**	**533.194**	**462.948**

Fonte: Comex/Stat, novembro/2026
(*) Estimativa em outubro/2026.

Safra Catarinense - Feijão 1ª Safra

Em Santa Catarina, a produção divide-se em duas safras (1ª e 2ª safra), com predomínio dos tipos carioca e preto. A janela de semeadura da 1ª safra ocorre entre agosto e dezembro, enquanto a 2ª safra é cultivada de janeiro a março. Até a última semana de outubro, aproximadamente 65% da área destinada ao cultivo de feijão 1ª safra já havia sido semeada. Para 96% das áreas avaliadas, a condição de lavoura é considerada boa, enquanto 4% são classificadas como média. De forma geral, as lavouras implantadas apresentam bom desenvolvimento vegetativo. Em aproximadamente 96% da área plantada as plantas encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo.



Nas MRG's de Chapecó e Xanxerê, as lavouras encontram-se predominantemente em estádios iniciais de desenvolvimento, em condições de chuvas intensas e baixas temperaturas. O excesso de umidade no solo pode reduzir a disponibilidade de oxigênio para as raízes, prejudicando o estabelecimento e o crescimento inicial das plantas. Além disso, as temperaturas reduzidas e a menor disponibilidade de radiação solar tendem a

desacelerar o desenvolvimento vegetativo. A persistência da umidade elevada também exige atenção às condições fitossanitárias das lavouras. A partir da segunda semana de outubro, com a redução das precipitações, as condições das lavouras apresentaram uma pequena melhora.

Para as MRG's de Campos de Lages, Joaçaba, Concórdia e Curitibanos, as operações de plantio iniciaram de forma bastante lenta. As fortes chuvas e problemas de enxurradas tem impedido o avanço do plantio. Na microrregião de Curitibanos, o plantio de feijão deverá ocorrer somente a partir de dezembro, com implantação das lavouras sobre a resteva das culturas de inverno. Expectativa de forte redução de área plantada nessas regiões.

Na MRG de São Miguel do Oeste, nas três primeiras semanas de outubro foram registrados volumes intensos de chuvas e com queda na temperatura, condições desfavoráveis ao desenvolvimento do feijoeiro. O excesso de chuvas provoca o abortamento de flores e aumento de doenças fúngicas. A partir da terceira semana do mês, o volume de chuvas reduziu significativamente, favorecendo o desenvolvimento das plantas. De forma geral, as lavouras apresentam desenvolvimento satisfatório.

Para as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, nas áreas que foram semeadas mais cedo, as plantas apresentam bom desenvolvimento vegetativo. Com o grande acumulo de chuvas na primeira quinzena de outubro, nas áreas recém-semeadas as lavouras vem apresentando problemas de germinação e de desenvolvimento vegetativo devido ao frio e a baixa luminosidade. A partir da segunda quinzena, com a gradativa melhora nas condições climáticas, com aberturas de sol e maior luminosidades, permitiu que os produtores entrassem nas lavouras para fazer os controles fitossanitários, adubações e aplicação de herbicidas.

Em novembro, com dados levantados durante o mês de outubro, o acompanhamento da 1ª safra 2026/27 de feijão revela que a área cultivada no estado deverá chegar a 21,5 mil hectares, o que representa um recuo de mais de 19% em relação ao ciclo anterior. Até o momento, é estimada uma produtividade média de 2.082 kg/ha, o que representaria um crescimento de 6%. Mesmo assim, diante da forte redução na intenção de plantio, a produção estadual está projetada em 45 mil toneladas, volume 14% inferior ao obtido na safra 2025/26. Essa retração expressiva da área cultivada de deve a combinação de altos custos de produção, baixa atratividade econômica da cultura e maior percepção de risco produtivo, agravada pela atuação do fenômeno El Niño na primavera e no verão.

Tabela 2 - Feijão 1ª Safra SC - Comparativo de safras – 2025/26 – 2026/27

Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Partic. Produção (%)	Área	Produti-vidade	Produção
Araranguá	11	1.304	14	-	-	-	-	-	-	-
Blumenau	117	1.416	166	126	1.323	167	0,32	7,7	-6,5	0,6
Campos de Lages	3.655	1.863	6.808	2.815	2.078	5.849	11,25	-23,0	11,6	-14,1
Canoinhas	6.850	1.780	12.196	5.825	1.780	10.367	19,94	-15,0	0,0	-15,0
Chapecó	2.856	1.640	4.683	1.883	2.041	3.843	7,39	-34,1	24,5	-17,9
Concórdia	298	1.502	448	30	1.647	49	0,09	-89,9	9,6	-89,0
Criciúma	30	1.210	36	31	1.635	51	0,10	3,3	35,2	39,7
Curitibanos	1.379	1.799	2.481	1.200	2.312	2.774	5,34	-13,0	28,5	11,8
Itajaí	3	1.500	5	3	1.500	5	0,01	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	915	1.984	1.815	245	1.980	485	0,93	-73,2	-0,2	-73,3
Joaçaba	2.649	2.409	6.381	2.649	2.409	6.381	12,27	0,0	0,0	0,0
Rio do Sul	687	1.900	1.306	523	1.889	988	1,90	-23,9	-0,6	-24,3
São Bento do Sul	530	1.557	825	150	1.558	234	0,45	-71,7	0,1	-71,7
São M. do Oeste	1.277	2.358	3.012	1.158	2.180	2.524	4,85	-9,3	-7,6	-16,2
Tabuleiro	305	1.800	549	305	1.800	549	1,06	0,0	0,0	0,0
Tijucas	55	1.585	87	55	1.585	87	0,17	0,0	0,0	0,0
Tubarão	250	1.212	303	290	1.193	346	0,67	16,0	-1,6	14,2
Xanxerê	4.704	2.315	10.890	4.175	2.392	9.986	19,20	-11,2	3,3	-8,3
Total Geral	**26.571**	**1.957**	**52.003**	**21.463**	**2.082**	**44.684**	**85,93**	**-19,2**	**6,4**	**-14,1**

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026.

Milho

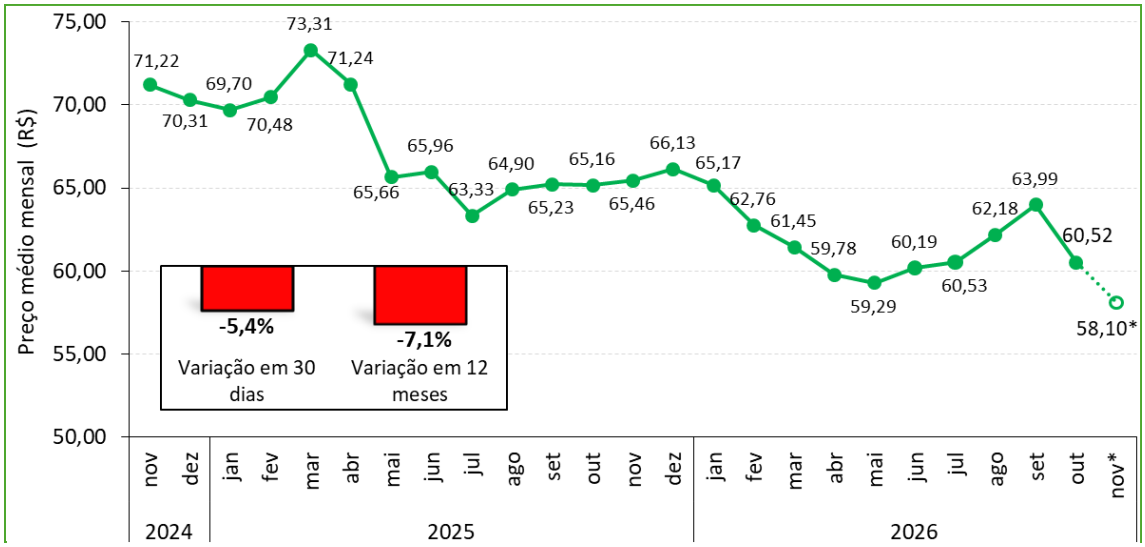
Henrique Oldoni
Engenheiro-agrícola, Dr. – Epagri/Cepa
henriqueoldoni@epagri.sc.gov.br

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr.
htelias07@gmail.com

Mercado

A tendência de alta do preço do milho pago ao produtor catarinense até setembro de 2026 não se sustentou em outubro, quando o preço médio mensal recuou para R$ 60,52/sc, queda de 5,4% no mês e de 7,1% em 12 meses (Figura 1). Nos primeiros nove dias do mês de novembro, a média estadual foi ainda mais baixa (R$ 58,10/sc). Parte dessa retração em outubro decorreu de dois fatores. Um deles foi a ampla disponibilidade interna do cereal, com estoques de passagem ainda relevantes e perspectiva de safra 2026/27 expressiva; a Conab projeta 148 milhões de toneladas, alta de 2,4% sobre a temporada anterior[1]. O outro foi o recuo das cotações internacionais, com o contrato dezembro/26 em Chicago operando próximo do menor patamar em quatro meses.

Figura 1 - Milho – SC: evolução do preço médio real mensal pago ao produtor (nov./2024 a nov.*/2026)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de outubro/2026.
* Refere-se à média dos nove primeiros dias do mês.

Fatores e perspectivas de mercado – novembro de 2026

Entre os dias 05 e 11 de novembro de 2026, o mercado do milho foi marcado por forte volatilidade entre choques altistas de curto prazo e pressões estruturais de oferta (Tabela 1). No cenário internacional, as cotações na Bolsa de Chicago (CBOT) iniciaram o período

[1] Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.14 – safra 2026/27, n°1 – Primeiro levantamento | outubro 2026

pressionadas pelo avanço da colheita nos Estados Unidos (81% concluída), pela entrada da segunda maior safra norte-americana da história e pela liquidação de posições compradas por fundos especulativos, mas ganharam forte impulso altista após a divulgação do relatório WASDE de novembro pelo USDA[2], que reduziu a produtividade e os estoques finais dos EUA abaixo das expectativas do mercado. No Brasil, os preços no mercado físico iniciaram novembro em recuperação, sustentados, em parte, pela firme demanda das indústrias de ração e etanol de milho, pela revisão positiva da Anec para os embarques de novembro e pela retenção de oferta por parte dos produtores, enquanto os contratos futuros na B3 encontraram teto na ampla disponibilidade interna remanescente, nas oscilações cambiais e na projeção de safra recorde brasileira para 2026/27.

Tabela 1 - Milho – Perspectiva de mercado: fatores predominantes entre 5 e 11 de novembro de 2026

Fator de mercado	Indicador	Impacto	Nº de citações de maior impacto
Relatório do USDA (WASDE de novembro) e corte na safra/estoques dos EUA	Altista	Muito alto	9
Projeção de safra recorde no Brasil (2026/27) e avanço do plantio sul-americano	Baixista	Alto	7
Avanço da colheita (81%) e elevada oferta da safra nos EUA	Baixista	Alto	7
Demanda interna aquecida no Brasil (etanol de milho e rações)	Altista	Muito alto	6
Fluxo de exportação e ritmo dos embarques (Brasil e EUA)	Baixista	Médio/alto	4

Elaboração: Epagri/Cepa, novembro/2026
Auxílio: Gemini e Google Alerta

Milho grão – Safra 2026/27

Após recente atualização da estimativa de safra, registrou-se um novo aumento na expectativa de área plantada de milho grão (1ª safra) no estado, totalizando 276,8 mil ha (Tabela 2), um incremento de 4,2% em relação ao ciclo anterior. Esse acréscimo ocorreu principalmente em municípios do Oeste e Extremo Oeste, em grande parte impulsionado pela mudança na intenção de plantio da soja para o milho por parte de alguns produtores, diante do clima mais chuvoso provocado pelo fenômeno El Niño. Em contrapartida, a produtividade média projetada apresentou queda de 0,8% frente ao ciclo anterior, estimada em 9,5 mil kg/ha. Esse cenário resulta em uma expectativa de produção de 2,63 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 3,4%.

[2] USDA | World Agricultural Supply and Demand Estimates | WASDE - 677| 10 nov. 2026.

Tabela 2 – Milho grão 1ª safra: estimativas de área plantada, produtividade e produção por microrregião e estadual – comparativo entre safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa – Safra 2026/27			Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)
Araranguá, Criciúma e Tubarão	17.661	7.972	140.792	16.805	7.747	130.184	-4,8	-2,8	-7,5
Blumenau, Itajaí e Joinville	2.160	4.980	10.757	2.089	5.139	10.735	-3,3	3,2	-0,2
Campos de Lages	24.690	7.024	173.418	26.000	8.391	218.164	5,3	19,5	25,8
Canoinhas e São B. do Sul	30.777	9.209	283.410	28.880	9.303	268.669	-6,2	1,0	-5,2
Chapecó	39.600	10.847	429.554	40.880	10.383	424.476	3,2	-4,3	-1,2
Concórdia	19.270	10.640	205.030	17.140	9.475	162.402	-11,1	-10,9	-20,8
Curitibanos	15.722	11.682	183.664	18.977	10.496	199.190	20,7	-10,1	8,5
Ituporanga	8.000	8.242	65.935	9.100	8.246	75.035	13,8	0,0	13,8
Joaçaba	51.250	10.091	517.185	51.250	10.091	517.185	0,0	0,0	0,0
Rio do Sul	14.660	7.167	105.073	14.760	7.171	105.850	0,7	0,1	0,7
São Miguel do Oeste	18.005	9.744	175.441	19.450	9.086	176.715	8,0	-6,8	0,7
Tabuleiro e Tijucas	5.205	6.093	31.713	5.215	6.100	31.811	0,2	0,1	0,3
Xanxerê	18.530	12.142	225.000	26.235	11.951	313.524	41,6	-1,6	39,3
Santa Catarina	**265.530**	**9.592**	**2.546.971**	**276.781**	**9.516**	**2.633.939**	**4,2**	**-0,8**	**3,4**

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026

Calendário e condição das lavouras

No estado, o plantio da 1ª safra 2026/27 de milho grão segue sem atrasos quando comparado ao ritmo da safra anterior, atingindo, na última semana de outubro, 92% da área prevista (Tabela 2). As microrregiões do Oeste e do Planalto Norte já concluíram a semeadura nas áreas previstas. No Extremo Oeste, algumas lavouras já iniciaram a fase de florescimento. A maioria das demais microrregiões já atingiu pelo menos 80% da área estimada. De modo geral, o estado enfrentou um mês marcado por instabilidade climática, com excesso de chuvas, baixas temperaturas e pouca luminosidade, o que resultou no desenvolvimento mais lento das plantas (estádios V4 a V10) e em dificuldades pontuais na germinação das sementes recém-plantadas.

O levantamento de até 31 de outubro (Tabela 2) indica predomínio de boas condições nas lavouras catarinenses de 1ª safra: no total estadual, 89% da área foi classificada como boa e 11% como média. Esse desempenho, contudo, não é uniforme no estado. As microrregiões de Canoinhas e São Bento do Sul concentram 97% da área em condição boa, enquanto Concórdia apresenta o maior percentual de lavouras em condição média (20%). Esse cenário, porém, pode se deteriorar nas próximas semanas. Já no início de novembro, relatos técnicos em Campos Novos e região apontam a ocorrência de granizo e de processos erosivos, eventos que causaram danos ao estande e exigência de replantio em algumas áreas, com potencial de elevar os percentuais de condição média e ruim, bem como de reduzir a expectativa de produtividade na próxima avaliação.

Tabela 2 - Milho SC – calendário agrícola e condições das lavouras (1ª safra 2026/27) das principais microrregioes e do total estadual até 31 de out./2026

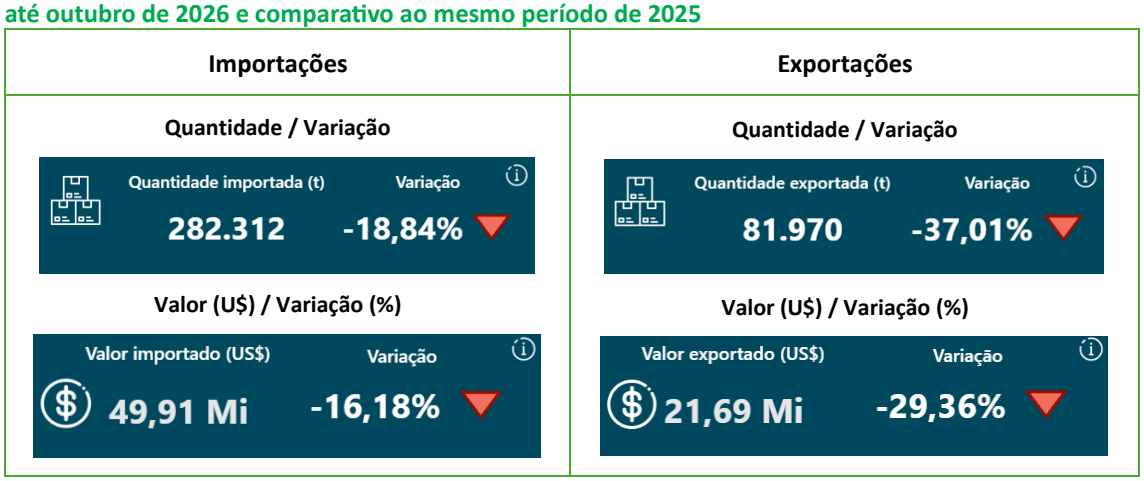
Microrregião	% Plantado	% Floração	Condição (%)		
			Boa	Média	Ruim
Araranguá	74	0	86	12	2
Blumenau	63	0	90	10	0
Campos de Lages	90	0	80	20	0
Canoinhas e São Bento do Sul	100	0	97	3	0
Chapecó	100	0	90	10	0
Concórdia	100	0	80	20	0
Criciúma	72	0	89	10	1
Curitibanos	97	0	90	10	0
Itajaí	65	0	90	10	0
Ituporanga	80	0	90	10	0
Joaçaba	85	0	90	10	0
Joinville	64	0	90	10	0
Rio do Sul	80	0	90	10	0
São Miguel do Oeste	100	4	92	8	0
Tabuleiro	80	0	90	10	0
Tijucas	80	0	90	10	0
Tubarão	58	0	90	10	0
Xanxerê	100	0	90	10	0
Santa Catarina	**92**	**0**	**89**	**11**	**0**

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026.

Importações e exportações de milho por Santa Catarina

No acumulado até o décimo mês, as importações de milho somaram 282,3 mil toneladas, 18,8% abaixo de igual período de 2025, com faturamento 16,2% menor (Figura 2). O acumulado esconde movimento relevante: só em outubro ingressaram 43,4 mil toneladas, 63,5% acima da média mensal de janeiro a setembro, o que aprofundou o recuo anual (de -15,9% até setembro para -18,8% até outubro). O Paraguai respondeu por 91,7% das compras, participação ligeiramente acima da observada até setembro (91,2%).

Figura 2 - Milho e derivados – Importações e exportações por Santa Catarina em 2026, no acumulado até outubro de 2026 e comparativo ao mesmo período de 2025



Fonte: Observatório Agrocatarinense; Comex Stat/Mdic, novembro/2026

Nas exportações de milho e derivados, o estado embarcou cerca de 81,97 mil toneladas, retração de 37% no ano, com US$ 21,7 milhões (-29,4%) (Figura 2); aqui o efeito foi oposto, com a inclusão de outubro atenuando a queda acumulada, que era de 40,9% até setembro, influenciada por base praticamente nula no mesmo mês de 2025. Em ambos os fluxos, o faturamento caiu menos que o volume, sinalizando valor médio por tonelada superior ao do ano anterior.

Safra Nacional

A primeira safra nacional de milho 2026/27 tem área estimada em 4,54 milhões de hectares (+10,7%) e produção projetada em 32,1 milhões de toneladas, conforme o 1º Levantamento da Conab[3] (outubro/2026). O crescimento reflete a atratividade econômica do grão e a demanda aquecida da indústria de etanol de milho no Centro-Oeste e no Sul. Até o início de outubro, a semeadura alcançava 30,8% da área prevista, ritmo ligeiramente superior ao do ciclo passado, com destaque para a Região Sul. Somadas as três safras, a produção brasileira está estimada em 148 milhões de toneladas (+2,4% na comparação anual).

O monitoramento agrícola da Conab[4] referente ao período de 1 a 21 de outubro indica implantação avançada na Região Sul e início gradual nas demais. No Rio Grande do Sul, a semeadura superou 80% da área, com ritmo reduzido pela elevada umidade do solo e ambiente favorável à pressão de doenças. No Paraná, as operações estão próximas do encerramento, com desfolhamento pontual por granizo e vendavais. Em Goiás, o avanço é heterogêneo, mais consistente na Região Leste. Em Minas Gerais, na Bahia e em São Paulo, a semeadura é incipiente.

[3] Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.14 – safra 2026/27, n°1 – Primeiro levantamento | outubro 2026

[4] Conab | Boletim de Monitoramento Agrícola| Monitoramento das Lavouras | v.15, n°10 | outubro 2026

Soja

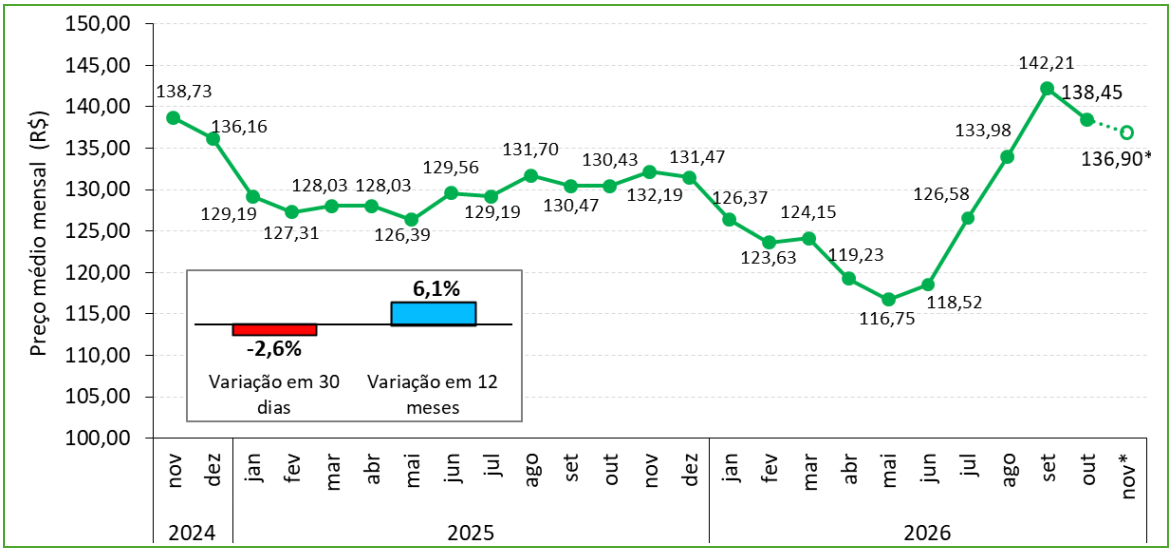
Henrique Oldoni
Engenheiro-agrícola, Dr. – Epagri/Cepa
henriqueoldoni@epagri.sc.gov.br

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr.
htelias07@gmail.com

Mercado

Após uma tendência de alta o preço médio da soja pago ao produtor catarinense, registrada até setembro, o mês de outubro registrou uma retração de 2,6% em 30 dias, atingindo a média de R$138,45/sc (Figura 1). No entanto, ainda há valorização acumulada de 6,1% nos últimos 12 meses. Para o início de novembro, o indicativo é de nova retração dos preços, com média de R$ 136,90/sc nos nove primeiros dias do mês (Figura 1). Esse comportamento em outubro sugere uma correção do movimento de alta observado em setembro, em um contexto de oferta internacional ampliada e de demanda externa menos aquecida do que se projetava. Entre os fatores que podem explicar a retração, o mais evidente é o recuo das cotações internacionais. O contrato novembro/26 em Chicago acumulou quedas sucessivas ao longo de outubro, pressionado pelo avanço sazonal da colheita norte-americana (88% em 1º de novembro, frente à média de 84% nos cinco anos anteriores[5]) e pela maior disponibilidade de soja no Hemisfério Norte, o que reduziu o patamar de referência para a formação do preço doméstico.

Figura 1 - Soja – SC: evolução do preço médio real mensal pago ao produtor por saca de 60kg



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de outubro/2026.
* Refere-se à média dos nove primeiros dias do mês.

[5] USDA | Crop Progress | National Agricultural Statistics Service (NASS)| 2 nov. 2026.

Fatores e perspectivas de mercado – análise entre 5 e 11 de novembro/2026

Esse cenário de pressão baixista observado no início do mês de novembro começou a se reverter a partir do dia 10, com a divulgação do relatório de oferta e demanda (WASDE) do USDA[6]. Aparentemente, enquanto o avanço final da colheita nos Estados Unidos (atingindo 92% em 8 de novembro[7]) e a expectativa de safra recorde no Brasil mantiveram o teto de valorização limitado nos primeiros dias do período, os cortes inesperados nos estoques finais norte-americanos e globais para a safra 2026/27 impulsionaram altas na Bolsa de Chicago, sustentadas também em parte pela recuperação dos preços do óleo e do farelo. No mercado doméstico brasileiro, é provável que o principal fator de amortecimento contra as quedas externas anteriores passou a ser a valorização do dólar frente ao real, que deu suporte às cotações em reais nos portos e no interior, ao mesmo tempo em que a irregularidade das chuvas e o veranico no Cerrado e em Mato Grosso elevaram a cautela dos produtores na comercialização antecipada. A Tabela 1 resume os cinco fatores de mercado mais citados entre 5 e 11 de novembro 2026.

Tabela 1 - Soja – Perspectiva de mercado: principais fatores no período entre 5 e 11 de novembro de 2026

Fator de mercado	Indicador	Impacto	Nº de citações de maior impacto
Oferta e colheita nos EUA / perspectiva de safra recorde no Brasil	Baixista	Alto	13
Corte nos estoques finais e oferta mundial (Relatório WASDE/USDA)	Altista	Muito alto	10
Alta do dólar frente ao real (câmbio)	Altista	Muito alto	9
Demanda internacional e compras da China (EUA e Brasil) (indicador predominantemente Alista no curto prazo / e Baixa estrutural para o Brasil)	Misto	Médio/Alto	9
Clima adverso no Brasil (veranico em MT/Cerrado e temporais no Sul)	Altista	Médio/Alto	7

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
Auxílio: Gemini e Google Alerta.

Safra catarinense 2026/27

As estimativas para a 1ª safra 2026/27, atualizadas no mês de outubro, indicam maior retração da área plantada de soja quando comparadas à estimativa inicial. Atualmente, a redução é de 1,3% na área destinada à cultura no estado em relação à safra anterior (Tabela 2). Essa retração ocorre, em parte, devido à desistência de produtores em realizar o plantio e à migração para outras culturas, diante dos elevados volumes de chuva no último mês e dos riscos climáticos atrelados ao fenômeno El Niño. Em contrapartida, a projeção ainda indica ganho de produtividade nas lavouras, com variação positiva de 2,4% em relação à 1ª safra 2025/26. Esse incremento está, em boa parte, atrelado à recuperação das perdas provocadas pela estiagem do ciclo anterior na Microrregião de Campos de Lages (22,3% de variação; Tabela 2). Desse

[6] USDA | World Agricultural Supply and Demand Estimates | WASDE - 677| 10 nov. 2026.
[7] USDA | Crop Progress | National Agricultural Statistics Service (NASS)| 9 nov. 2026.

modo, a expectativa de produção é de 2,95 milhões de toneladas para a 1ª safra 2026/27, o que representa um aumento de 1,1% em relação à safra passada.

Tabela 2 - Soja 1ª safra: estimativas de área plantada, produtividade e produção por microrregião e estadual - comparativo entre safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa – Safra 2026/27			Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área	Produt.	Produção
Araranguá, Criciúma e Tubarão	4.576	3.237	14.813	4.370	3.549	15.508	-4,5	9,6	4,7
Blumenau	400	4.150	1.660	420	4.157	1.746	5,0	0,2	5,2
Campos de Lages	90.950	3.269	297.312	90.850	3.997	363.165	-0,1	22,3	22,1
Canoinhas e São Bento do Sul	175.623	3.888	682.827	182.395	3.888	709.070	3,9	0,0	3,8
Chapecó	79.220	3.782	299.623	78.160	3.860	301.715	-1,3	2,1	0,7
Concórdia	10.100	3.970	40.092	9.540	3.731	35.591	-5,5	-6,0	-11,2
Curitibanos	129.833	4.197	544.959	130.033	4.102	533.349	0,2	-2,3	-2,1
Ituporanga	9.450	4.205	39.740	9.500	4.205	39.950	0,5	0,0	0,5
Joaçaba	65.960	3.952	260.686	65.690	3.954	259.763	-0,4	0,1	-0,4
Rio do Sul	10.400	3.935	40.924	9.560	3.919	37.469	-8,1	-0,4	-8,4
São Miguel do Oeste	43.725	3.667	160.356	40.955	3.945	161.582	-6,3	7,6	0,8
Xanxerê	138.750	3.873	537.350	127.450	3.866	492.765	-8,1	-0,2	-8,3
Santa Catarina	**758.987**	**3.848**	**2.920.341**	**748.923**	**3.941**	**2.951.673**	**-1,3**	**2,4**	**1,1**

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026

Calendário e condição das lavouras

Até a última semana de outubro, 43% da área prevista no estado foi plantada (Tabela 3), o que representa um adiantamento do plantio em relação ao ciclo passado, embora até 24 de outubro os dados indicassem atraso (com apenas 20% da área concluída). Esse avanço demonstra que os produtores aproveitaram as condições de tempo firme na última semana do mês para acelerar as operações, com receio de novos períodos de chuvas prolongadas associados ao fenômeno *El Niño*.

Tabela 3 - Soja SC – calendário agrícola e condições das lavouras (1ª safra 2026/27) das principais microrregioes e do total estadual até 31 de out./2026

Microrregião	Área plantada total (%)	Condição Boa (%)	Condição Média (%)
Xanxerê	70	90	10
Chapecó	60	90	10
São Miguel do Oeste	55	95	5
Canoinhas e São Bento do Sul	47	100	0
Blumenau	30	100	0
Campos de Lages	30	100	0
Curitibanos	28	100	0
Concórdia	25	100	0
Joaçaba	10	100	0
Demais Regiões (Litoral e Alto Vale)	0	-	-
Estadual	**43**	**97**	**3**

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026

Entre as microrregiões, o ritmo de semeadura é heterogêneo, variando de 0% a 70% (Tabela 3), fortemente influenciado pela alta precipitação e baixas temperaturas no início do mês, que limitaram o acesso do maquinário às lavouras. No Oeste e Extremo Oeste o plantio é o mais

adiantado do estado, variando entre 55% e 70%, liderado pela microrregião de Xanxerê, seguida por Chapecó e São Miguel do Oeste. Ao longo de outubro, o avanço nessas microrregiões foi contido por episódios de precipitação expressiva e atraso na colheita do trigo.

As microrregiões de Canoinhas e São Bento do Sul alcançaram 47% de área plantada (Tabela 3). O mês foi marcado por quedas de temperaturas, acumulados de chuva superiores a 120 mm semanais em algumas localidades e riscos de inundação. As operações de plantio foram frequentemente interrompidas, o que causou relatos pontuais de falhas de germinação. No entanto, a incidência de janelas de tempo firme e ensolarado na segunda quinzena de outubro permitiu uma retomada forte do plantio e a aplicação de tratamentos fitossanitários.

Nas Microrregiões de Blumenau, Campos de Lages, Curitibanos, Concórdia e Joaçaba, o percentual de plantio até 31 de outubro estabeleceu-se entre 10% e 30% (Tabela 3). Estas microrregiões foram severamente impactadas por dias contínuos de chuva e baixa amplitude térmica durante grande parte do mês, inviabilizando a entrada nas lavouras. Os analistas regionais destacam que o atraso não configura prejuízo agronômico irreversível, dado que a janela ideal para a semeadura se estende até a segunda quinzena de dezembro, havendo forte expectativa de incremento de área com o estabelecimento de dias ensolarados.

O quadro fitossanitário da soja no estado encontra-se predominantemente bom, acima de 90% na maioria das microrregiões e com 97% na média geral do estado (Tabela 3). Existem algumas ressalvas pontuais para condições médias nas microrregiões de Xanxerê, Chapecó e São Miguel do Oeste devido à germinação desuniforme ou com falhas, causadas pelo excesso de umidade erosão e baixas temperaturas, gerando inclusive alguns relatos de necessidade de replantio.

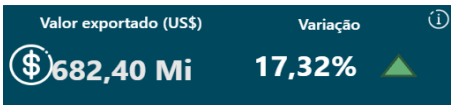
Exportações de soja por Santa Catarina

Tabela 4 - Produtos do complexo soja: exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até outubro de 2026

Quantidade/Variação



Valor (U$)/Variação (%)



Até outubro de 2026, as exportações do complexo soja de Santa Catarina somaram 1,477 milhão de toneladas (US$ 682,4 milhões), com altas de 5,29% em volume e 17,3% em valor frente ao ano anterior. O ritmo desacelerou frente ao acumulado até setembro, mas o movimento é explicado por efeito de base: em outubro o estado embarcou cerca de 160,45 mil toneladas e US$ 79,22 milhões, valores acima da média mensal de janeiro a setembro, ficando, porém, abaixo das cerca de 212 mil toneladas de outubro de 2025. O quadro é coerente com o cenário nacional, de queda nos embarques de grão.

Fonte: Observatório AgroCatarinense; Comex Stat/Mdic, novembro/2026

Safra Nacional

Segundo o 1º Levantamento da Conab[8], a safra brasileira de soja 2026/27 segue em expansão, com área cultivada estimada em 49,3 milhões de hectares (1,4% sobre o ciclo anterior) e produção projetada em 181,6 milhões de toneladas, volume recorde (0,7%). A leve retração de 0,8% na produtividade média, prevista em 3.683 kg/ha, é compensada pelo incremento de área.

O monitoramento das lavouras nacionais realizado pela Conab de 1 a 21 de outubro[9] indica avanço da semeadura nas principais regiões produtoras, em ritmos distintos. Em Mato Grosso, as chuvas impulsionaram o plantio, que superou 60% da área prevista. No Paraná, as operações avançam nas janelas de tempo seco e o desenvolvimento das lavouras apresentava-se majoritariamente bom, com risco de falhas de germinação e de maior pressão de pragas e doenças pelo encharcamento. Em Goiás, o quadro é heterogêneo, com bom ritmo no Sudoeste e operações restritas ou concentradas em áreas irrigadas nas demais regiões. Em Mato Grosso do Sul, o excesso de umidade suspendeu temporariamente a semeadura na maior parte das regiões, e no Rio Grande do Sul e em São Paulo os produtores aguardavam a redução da umidade do solo para intensificar os trabalhos. Nas regiões Norte e Nordeste, a escassez de chuvas restringiu o plantio no Pará, em Rondônia e no Matopiba.

[8] Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.14 – safra 2026/27, n°1 – Primeiro levantamento | outubro 2026

[9] Conab | Boletim de Monitoramento Agrícola| Monitoramento das Lavouras | v.15, n°10 | outubro 2026

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mercado brasileiro, os preços da saca de trigo recebido pelos produtores seguiram em alta durante o mês de outubro. Em Santa Catarina, alta mensal de 5,0%, fechando o mês em R$ 77,11 sc/60 kg. Na variação anual, alta de 21,0%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação positiva de 1,8%, e no Paraná, no mercado-balcão, alta de 1,0%.

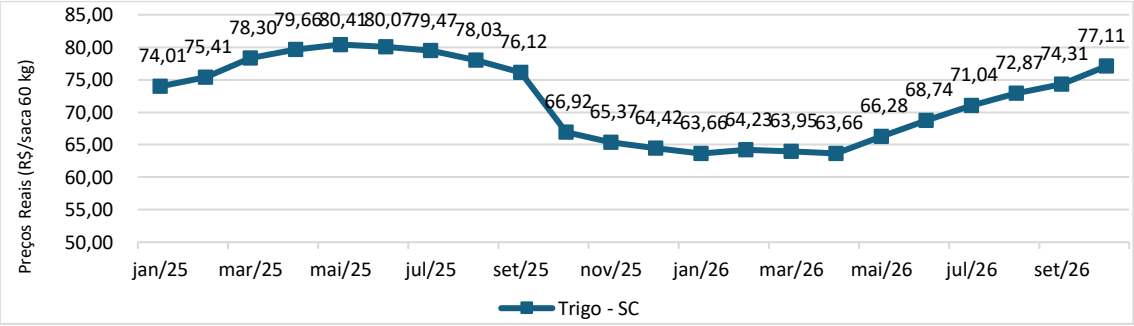
Tabela 1 - Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) - Comparativo de preços pagos ao produtor (R$/sc 60 kg)

Estado	Set./26	Out./26	Variação mensal (%)	Out./25	Variação anual (%)
Santa Catarina	**73,47**	**77,11**	**4,95**	**63,71**	**21,03**
Goiás	84,00	84,00	0,00	78,00	7,69
Minas Gerais	89,86	93,41	3,95	77,35	20,76
Mato Grosso do Sul	79,59	80,45	1,08	60,70	32,54
Rio Grande do Sul	71,90	73,20	1,81	61,67	18,70
Paraná	78,47	79,28	1,03	64,82	22,31

Erro! Vínculo não válido. Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), novembro/2026

Os preços recebidos pelos produtores de trigo seguem um padrão sazonal bem definido. Essa dinâmica decorre da capacidade de estocagem do grão e da existência de duas safras anuais em momentos distintos, uma no Hemisfério Norte e outra, no Hemisfério Sul, cujas ofertas se integram no mercado global via Bolsa de Mercadorias de Chicago. No Brasil, o comportamento esperado reflete-se em cotações mais altas entre maio e outubro e mais baixas de novembro a abril, quando ocorre a colheita nacional.

Figura 1 - Trigo - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (jan. /2024 a out. /2026)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
Preços corrigidos pelo IGP DI

Em 2026, o mercado manteve a sazonalidade típica, desenhando uma trajetória ascendente a partir de abril/maio. A baixa oferta nacional e mundial tem sustentado os preços em uma

trajetória firme. Além disso, adversidades climáticas e tensões geopolíticas persistem no atual cenário, com reflexos diretos na precificação do produto no mercado interno. Em Santa Catarina, o trigo subiu praticamente 5,0% apenas em outubro, atingindo o maior patamar real em um ano (desde agosto de 2025).

Nos próximos meses a tendência é de observarmos a manutenção de preços firmes no mercado interno, impulsionada por uma quebra severa na safra nacional. No entanto, o cenário traz um forte alerta para os produtores já que deverá haver uma elevação nos preços com base na qualidade, penalizando os lotes que não atingirem os padrões industriais. Por outro lado, no cenário internacional, a menor oferta global de trigo e o câmbio irão ditar o ritmo das cotações internacionais.

Fatores de Alta (pressão de valorização)	Fatores de Baixa (retração ou estabilidade)
Quebra de safra nacional: redução de 27% na produção nacional e de 21% na área cultivada devido a custos altos e baixa lucratividade.	Cenário internacional: Bolsa de Chicago opera estável ou em queda sob a influência do ritmo menor das exportações globais.
Perda de qualidade: chuvas em excesso no Sul geraram grãos com alta umidade e baixo peso hectolito (PH), limitando o trigo padrão tipo 1 para panificação.	Cautela industrial: moinhos controlam as compras no fim de ano para evitar o repasse de custos à farinha, limitando fortes altas.
Dependência externa: menor oferta de nacional de qualidade exige o aumento de importações (como da Argentina), sustentando os preços internos.	Oferta Argentina: a projeção de safra forte no principal fornecedor do Brasil (tarifa zero via Mercosul) deve limitar o teto de preços do trigo nacional no curto prazo.
Consumo sazonal: proximidade das festividades de fim de ano eleva tradicionalmente a demanda por derivados do grão.	Lentidão nos negócios: períodos de entressafra ou o foco dos produtores em outras culturas (soja/milho) geram menor liquidez e estabilidade de preços.

Safra Mundial

A oferta mundial (produção + estoque inicial) subiu para 1.110,4 milhões de toneladas, puxada pelo clima favorável no início das colheitas da Argentina (23,0 mi t) e da Austrália (32,5 mi t), além de aumentos no Cazaquistão e na Ucrânia. Pelo lado do consumo, o USDA elevou a projeção para 829,6 milhões de toneladas, impulsionado pelo uso para ração e resíduos na Oceania e Leste Europeu, o que compensou a menor demanda industrial e alimentar na Turquia.

Quanto às exportações, leve recuo para 208,7 milhões de toneladas. Os ganhos de exportação de Argentina e Austrália foram anulados pela queda nas remessas da Rússia (39,0 mi t) e da Ucrânia (11,5 mi t), cujos embarques seguem pressionados pelos conflitos no Mar Negro. Os estoques finais globais foram projetados em 280,8 milhões de toneladas, concentrados principalmente na Ucrânia, Argentina, Rússia e Cazaquistão.

Tabela 2 - Trigo grão - Mundo: quadro de oferta e demanda (milhões de toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2024/25	269,87	799,02	201,49	1.270,38	808,47	210,86	260,42
2025/26*	260,42	844,03	222,37	1.326,82	821,59	226,03	282,86
2026/27**	282,86	827,51	203,85	1.314,22	829,55	208,66	280,82

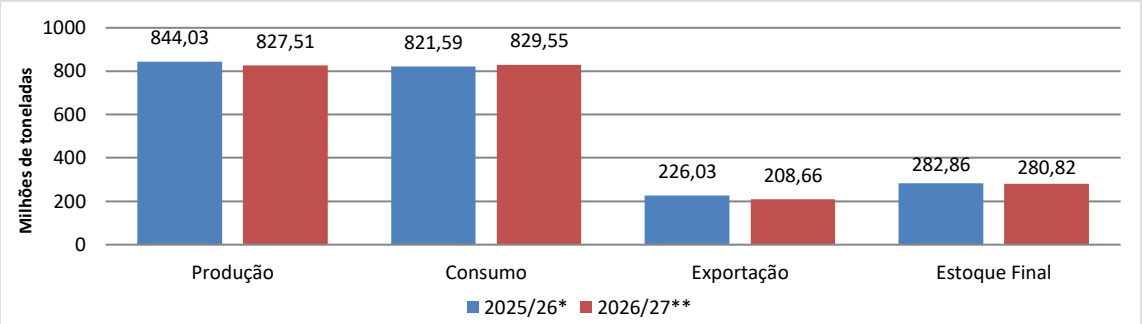
Fonte: WASDE/USDA, novembro/2026
Legenda: (*) estimativa. (**) projeção.
Nota: Estimativa em novembro/2026.

Como podemos observar, de acordo com dados do USDA, as projeções apontam para a menor produção mundial de trigo em 2026/27, queda de aproximadamente 2,0%, estimada em cerca de 844,03 milhões de toneladas a 827,51 milhões de toneladas. Os principais fatores do

cenário global são retração na oferta, com diminuição na colheita em importantes regiões produtoras e exportadoras, como Estados Unidos (que enfrenta forte seca e declínio na área cultivada), além de quedas projetadas para Argentina, Austrália, Canadá e União Europeia.

O relatório do USDA também reflete o atual cenário de problemas logísticos. O conflito e ataques a portos e rotas no Mar Negro continuam dificultando os embarques e a escoação de grãos da Rússia e da Ucrânia, pressionando a cadeia global. É estimada uma queda de aproximadamente 7,7% nas exportações mundiais de trigo no período.

Figura 2 - Trigo - Mundo: perspectivas de produção de trigo no mundo - (2025/26 e 2026/27)



Fonte: WASDE/USDA, novembro/2026
Legenda: (*) estimativa. (**) projeção.
Nota: Estimativa em novembro/2026.

Safra Brasileira

Segundo o monitoramento semanal das condições das lavouras realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), até o dia 9 de novembro, aproximadamente 78,4% da área cultivada com trigo em todo o país já havia sido colhida. Quanto ao restante das lavouras que permanecem no campo, 15,9% da área encontra-se em fase de maturação e 5,8% em floração. Nos estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e São Paulo, os trabalhos de colheita já foram totalmente encerrados.

No Rio Grande do Sul, de acordo com a Emater/RS, a colheita do trigo avançou significativamente nas últimas semanas graças à predominância de dias secos e à maior disponibilidade de radiação solar. Essas condições favoreceram a redução da umidade dos grãos e proporcionaram melhores condições operacionais para o trabalho das máquinas. A área colhida atinge 53% do total semeado, enquanto 37% das lavouras a campo estão em fase de maturação. Têm sido observados lotes com peso hectolítrico (PH) reduzido e variação entre as categorias comerciais, incluindo a desclassificação para triguilho nos lotes de menor qualidade, em decorrência da incidência de doenças foliares e de espiga, da ocorrência de geadas e do excesso de precipitações.

No Paraná, a colheita aproxima-se da conclusão, porém acompanhada por registros de baixo padrão de qualidade e rendimento. Segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral/PR), a produtividade média inicialmente projetada em 3.240 kg/ha foi reajustada para 2.640 kg/ha no levantamento mais recente. O risco associado ao excesso de chuvas durante a colheita, previsto desde a fase de formação do fenômeno El Niño, confirmou-se: altos volumes de precipitação atingiram a maioria das regiões do estado, prejudicando principalmente os cultivos mais tardios. Atualmente, 88% da área estimada no estado já foi colhida.

A Conab revisou para baixo as projeções do trigo para a safra 2026, apontando uma queda de 27,2% na produção nacional, que deve somar 5.735 mil toneladas. Esse recuo é resultado da redução de 21,1% na área plantada (1.928,8 mil hectares) e de 7,6% na produtividade média (2.973 kg/ha). Para cobrir o consumo interno de 12.000 mil toneladas e as exportações de 1.494 mil toneladas, que somam uma demanda total de 13.494 mil toneladas, o Brasil precisará importar 7.057 mil toneladas do cereal. Com os estoques finais estimados em 1.062 mil toneladas, a quebra na safra mantém o país altamente dependente do mercado externo, o que fará com que os preços no mercado brasileiro sejam determinados pelo comportamento das cotações internacionais e pela evolução da colheita local nos próximos meses.

Tabela 3 - Trigo grão – BR: quadro de oferta e demanda (mil toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Demanda Total	Estoque Final
2022	939	10.554	4.514	16.008	11.894	2.654	14.548	1.460
2023	1.460	8.097	5.700	15.256	11.944	2.791	14.735	522
2024	522	7.889	6.822	15.233	11.891	1.873	13.763	1.470
2025*	1.470	7.873	6.129	15.473	11.890	1.817	13.708	1.765
2026**	1.765	5.735	7.057	14.557	12.000	1.494	13.494	1.062

Fonte: Conab, novembro /2026
Legenda: (*) estimativa. (**) projeção.
Nota: Estimativa em outubro /2026.

Safra Catarinense

Em Santa Catarina, a colheita do trigo avança acompanhada por perdas de produtividade e qualidade, em razão da elevada precipitação e dos danos provocados pelo granizo. As lavouras das regiões mais precoces estão em fase final de colheita, enquanto as áreas mais tardias, nos Planaltos e na Serra, permanecem em maturação e colheita. Até a última semana de outubro, aproximadamente 39% da área destinada ao cultivo do cereal no estado já havia sido colhida. Atualmente, 83% das lavouras apresentam boas condições, enquanto 16% são classificadas como médias. Em relação ao desenvolvimento, aproximadamente 75% da área plantada no estado estão em fase de maturação, 22% em floração e apenas 3% em desenvolvimento vegetativo.



Nas microrregiões geográficas (MRG's) de Chapecó e Xanxerê, que respondem por 38% da produção estadual, os trabalhos de campo avançaram em algumas localidades. Apesar dos rendimentos relativamente satisfatórios, com relatos de 2.400 a 3.000 kg/ha, a principal preocupação recai sobre a qualidade dos grãos. O excesso de umidade tem favorecido a germinação na espiga e a redução do peso hectolitro (PH), o que resulta na desclassificação de parte da produção para triguilho, cujo valor comercial é significativamente inferior. A redução das precipitações na última semana de outubro favoreceu o ritmo da colheita, que já atinge cerca de 70% da área plantada. A manutenção de condições climáticas favoráveis será fundamental para a conclusão dos trabalhos.

Na MRG de São Miguel do Oeste, onde os cultivos iniciam-se mais cedo, registraram-se chuvas intensas durante praticamente todo o mês de outubro. As perdas de qualidade vêm se acumulando com o passar das semanas. Além de favorecer a incidência de doenças fúngicas

nas espiguetas, o excesso de umidade e os ventos fortes na região provocaram o acamamento das plantas em áreas próximas da colheita. Nas áreas colhidas, a produtividade tem variado entre 2.000 e 3.600 kg/ha.

Nas MRG's dos Campos de Lages e Curitibanos, as lavouras continuam em desenvolvimento, porém aquém do esperado. Há relatos de incidência de doenças fúngicas devido à alta umidade e aos dias consecutivos de nebulosidade em setembro e outubro. Na região de Curitibanos, as duas últimas semanas de outubro foram marcadas por uma melhora nas condições climáticas, o que permitiu aos produtores entrar nas lavouras para regularizar os tratos culturais. A expectativa agora é por dias quentes e ensolarados, necessários tanto para a sanidade das plantas quanto para a boa formação dos grãos.

Nas MRG's de Canoinhas, Concórdia e Joaçaba, as três primeiras semanas de outubro foram marcadas por chuvas intensas e abundantes. O sol voltou a aparecer na última semana do mês, possibilitando o retorno às lavouras para a realização de tratamentos fitossanitários. O cultivo segue em estágio de maturação, registrando perdas expressivas de qualidade em decorrência do período prolongado de umidade. Na microrregião de Concórdia, conforme já previsto, a produção e a qualidade ficaram muito abaixo do esperado, com produtividade variando entre 2.100 e 3.000 kg/ha. Em termos de qualidade, estima-se que 15% da produção apresentem PH acima de 78; 50%, PH 74; e 35%, PH igual ou inferior a 72. Na microrregião de Joaçaba, a colheita também começou com registros de baixa produtividade (1.800 a 3.000 kg/ha) e grãos de baixa qualidade, sendo a produção destinada à fabricação de ração animal.

Para a safra 2026/27, a expectativa atual é de uma redução de aproximadamente 35,7% na área plantada. A produtividade média do estado também deverá cair cerca 7,4%. Como resultado, a produção total deverá chegar a 228 mil toneladas, volume que representa um recuo de 40% em relação à temporada anterior.

Tabela 2 - Trigo - Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Partic. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	567	3.098	1.756	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	3.680	3.455	12.714	1.201	3.671	4.408	1,62	-67,36	6,24	-65,33
Canoinhas	16.700	3.488	58.245	10.355	3.140	32.511	11,98	-37,99	-9,98	-44,18
Chapecó	22.208	3.538	78.562	18.590	3.329	61.894	22,80	-16,29	-5,88	-21,22
Concórdia	2.310	4.052	9.361	1.531	3.980	6.093	2,24	-33,72	-1,80	-34,91
Criciúma	419	3.157	1.323	165	2.894	478	0,18	-60,62	-8,33	-63,90
Curitibanos	15.750	4.577	72.083	8.195	4.182	34.271	12,62	-47,97	-8,63	-52,46
Ituporanga	1.190	2.399	2.855	670	2.743	1.838	0,68	-43,70	14,34	-35,62
Joaçaba	7.540	3.875	29.216	5.111	3.863	19.745	7,27	-32,21	-0,30	-32,42
Rio do Sul	1.125	2.470	2.779	820	2.321	1.903	0,70	-27,11	-6,05	-31,52
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	500	3.006	1.503	0,55	-28,57	-10,08	-35,77
São M. do Oeste	11.120	3.552	39.504	7.600	2.828	21.491	7,92	-31,65	-20,40	-45,60
Tabuleiro	57	3.100	176,7	-	-	-	-	-	-	-
Tubarão	401	3.008	1.206	50	2.800	140	0,05	-87,53	-6,93	-88,40
Xanxerê	20.780	3.415	70.954	12.430	3.366	41.843	15,41	-40,18	-1,41	-41,03
Santa Catarina	104.547	3.664	383.075	67.218	3.394	228.118	100,00	-35,71	-7,38	-40,45

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026



Hortaliças

Alho 37

Cebola 41

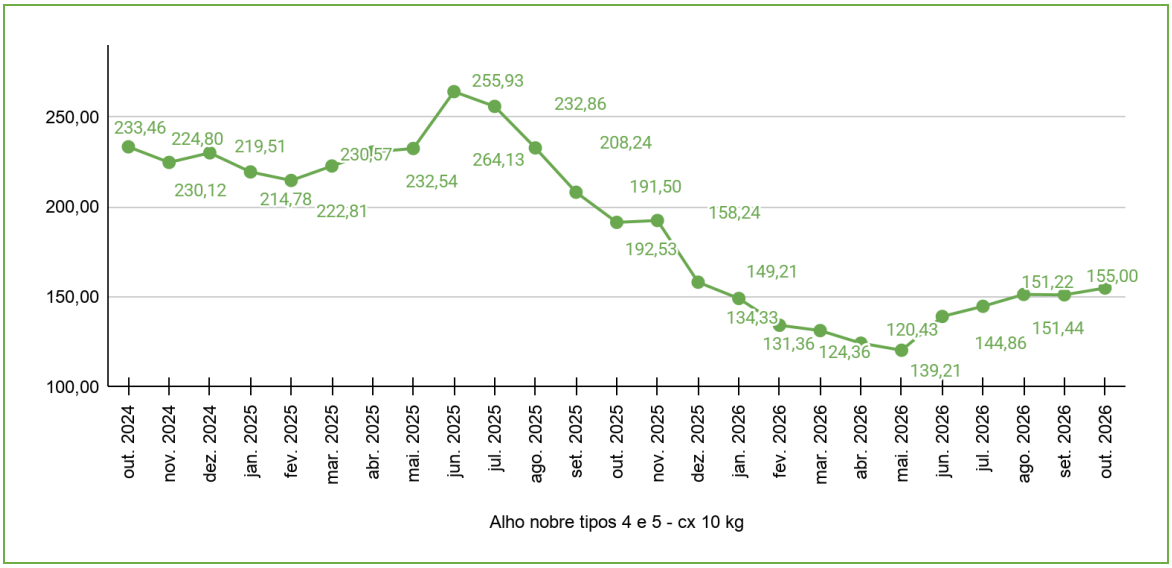
Alho

Lillian Bastian
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa
lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço no mercado atacadista

O preço do alho nobre tipos 4 e 5 apresentou um leve incremento de 2,5% no comparativo com o mês anterior, sendo cotado a R$15,50 o quilo. Em setembro o preço foi de R$15,12. Em relação ao mesmo mês do ano passado houve diminuição de 19%, pois em outubro de 2025 o preço estava em R$19,14 o quilo. Na figura 1, são apresentados os preços para caixa de 10 quilos para uma série histórica de dois anos.

Figura 1 - Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado, em reais – (out./2024 a out./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026
Preço médio mensal.
Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para outubro de 2026.

Os preços do alho têm demonstrado reação desde maio de 2026. Entretanto, esses preços ainda estão bem abaixo dos patamares registrados na safra 2024/2025. Para a próxima safra a tendência é que os preços estejam em patamares acima dos registrados na safra 2025/2026, pois a oferta do alho da Argentina será mais controlada, dado que houve chuvas no início de novembro de 2026, que prejudicaram a produtividade. Do total importado em 2025, quase 55% vieram da Argentina. Adicionalmente, a disponibilidade de alho no Brasil também está mais controlada, pois houve diminuição das áreas e as condições climáticas deste ano não foram as mesmas do ciclo anterior.

Safra Catarinense

As lavouras seguem se desenvolvendo bem, com 86% das áreas em boas condições e 14% em médias condições. As lavouras estão em frutificação e maturação. Produtores relatam aumento de casos de alternária, bacteriose e ferrugem nas lavouras, consequência dos dias nublados e úmidos. Algumas áreas já foram colhidas. As lavouras já colhidas apresentam predominância dos alhos 2, 3 e 4, sinalizando que poderemos ter uma safra de alho miúdo. Caso esta informação se comprove, a produtividade por município será menor daquela inicialmente prevista.



No início de novembro, houve a constatação de ocorrência de granizo, em uma área de um dos principais municípios produtores, Fraiburgo. Esse granizo irá afetar a produtividade desse município. Como esses fatos ainda precisam ser comprovados, o seu impacto vai ser melhor estimado ao longo do mês de novembro. A seguir, segue a tabela 1, em que constam área, produção, produtividade para a safra atual e a safra passada acompanhada da participação de cada microrregião na safra atual e das variações constatadas de uma safra para a outra.

Tabela 1 - Alho - SC: distribuição Microrregional - Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção - Safras 2025/26 e 2026/27

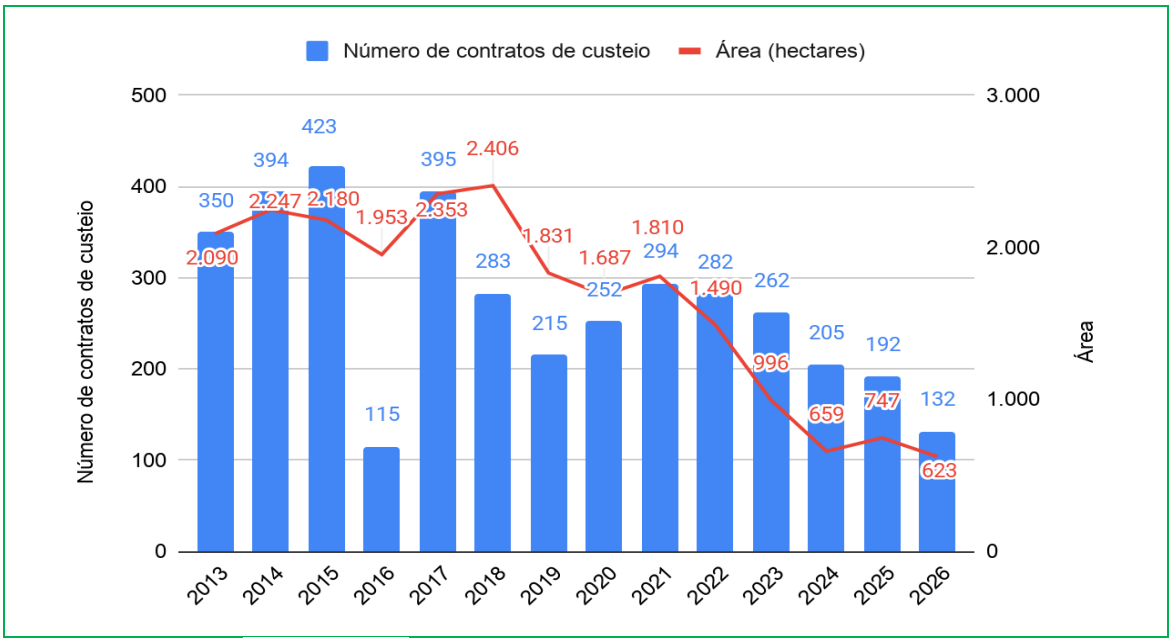
Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa Safra 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. produção (%)	Área	Produtiv.	Prod.
Campos de Lages	16	9.938	159	10	9.900	99	1,41	-37,5	-0,38	-37,74
Curitibanos	405	11.894	4.817	348	10.958	3.814	54,15	-14,07	-7,86	-20,83
Joaçaba	326	11.847	3.862	265	11.811	3.130	44,44	-18,71	-0,3	-18,95
Total geral	747	11.831	8.838	623	11.304	7.043	100,00	-16,6	-4,45	-20,31

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Número de contratos de crédito rural

O objetivo desta seção é trazer dados do número de contratos de custeio que foram firmados para a cultura do alho. Até o momento, em 2026, foram realizados 132 contratos. Esse número é 31,2% menor do que aquele operado em 2025, conforme é possível verificar na figura 2, que segue. Em 2016 o número de contratos foi ainda menor, ano em que houve uma quebra de safra provocado pelo fenômeno El Niño, endividamento, crise fiscal, aumento das taxas de juros e, consequentemente, maior rigor dos bancos na disponibilização de recursos.

Figura 2 - Alho – SC: evolução da área cultivada e do número de contratos de custeio – (2013-26)



Fonte: Banco Central, outubro/2026

A explicação para a diminuição no número de contratos em 2026 está atrelada a alguns fatores. Os agricultores e extensionistas relatam que há um aumento do endividamento e dificuldades de obter as mesmas linhas de crédito subsidiado. Além do mais, houve uma diminuição da área dos cultivos de alho e as áreas que deixaram de ser cultivadas, muito possivelmente, passaram a ser cultivadas com outros produtos.

Importações

O volume importado de alho em outubro foi de quase 9 mil toneladas, que corresponde a um aumento de quase 36% em relação ao mês anterior e de quase 103% em relação ao mesmo mês do ano passado, conforme tabela 2, a seguir. O volume físico agregado ao mercado nacional é superior, para o mesmo mês, tanto em relação a 2025 como a 2024, indicando que o mercado interno está menos abastecido do que o verificado no ano passado.

Tabela 2 - Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a out./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,30	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	16,66	14,28	19,47	13,75	13,20	9,52	6,62	8,99	-	-	133,99

Fonte: Comex Stat/MDIC, outubro/2026
Em mil toneladas.

Foram gastos aproximadamente US$12,64 milhões com a aquisição desses bulbos no mercado externo. Esse volume de recursos é 24,3% superior ao despendido em setembro e quase 176% mais elevado em relação ao destinado para esse fim em outubro de 2025. A descriminação

mensal dos dispêndios financeiros realizados pelo país com a aquisição de alho pode ser visualizada na tabela 3.

Tabela 3 - Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a out./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,10	24,33	18,14	16,10	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,50
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,10	211,42
2026	17,64	20,83	0,00	18,45	25,12	18,52	17,20	11,98	10,16	12,64	-	-	152,54

Fonte: Comex Stat/MDIC, outubro/2026
Valores nominais em milhões de dólares americanos

O preço médio pago pelo quilo do alho foi de US$1,40 o quilo. Dentre os países originários do alho, a China se destaca, ocupando espaço ainda maior no comparativo com os meses anteriores. No mês de agosto, respondeu por 75% do volume incorporado. No mês de setembro o volume saltou para 81%. E em outubro foi a origem de 93% do volume importado pelo Brasil. Do Egito, adveio em torno de 5%. Argentina, Espanha e Peru forneceram um volume pequeno.

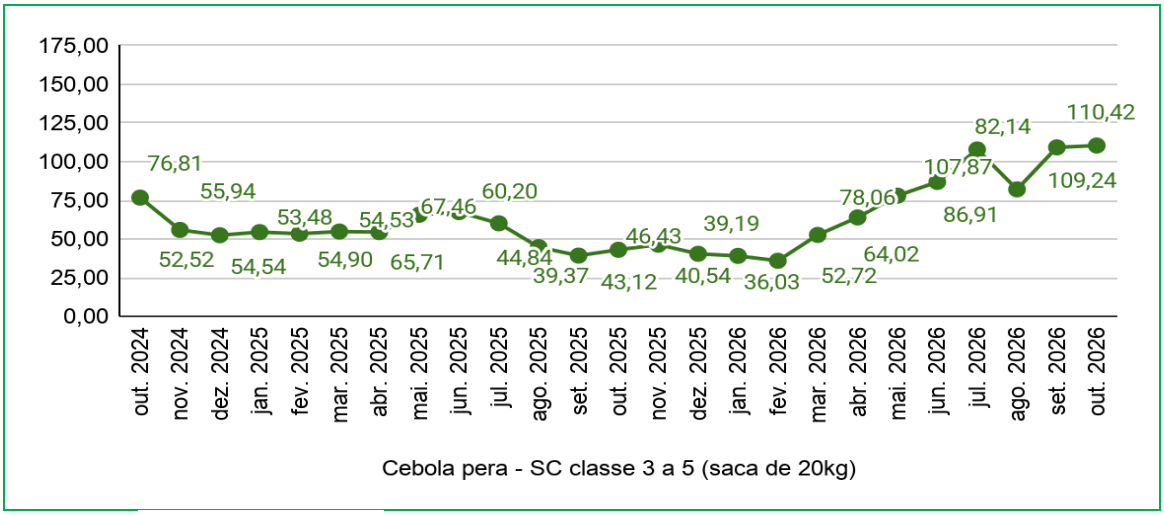
Cebola

Lillian Bastian
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa
lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado - preço no mercado atacadista

O mercado segue menos abastecido que o registrado no ano passado e o preço no atacado catarinense teve novo aumento de aproximadamente 1,1% em relação ao mês de setembro, sendo cotado a R$5,52 o quilo. No mês passado o preço foi de R$5,46. Em relação ao mesmo mês do ano passado o aumento é de em torno de 156%. Em outubro de 2025 o preço da cebola no atacado era de R$2,15. Na figura 1 constam os preços da cebola classes 3 a 5, saca de 20 quilos, para um período de dois anos.

Figura 1 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado, em reais – (out./2024 a out./2026)

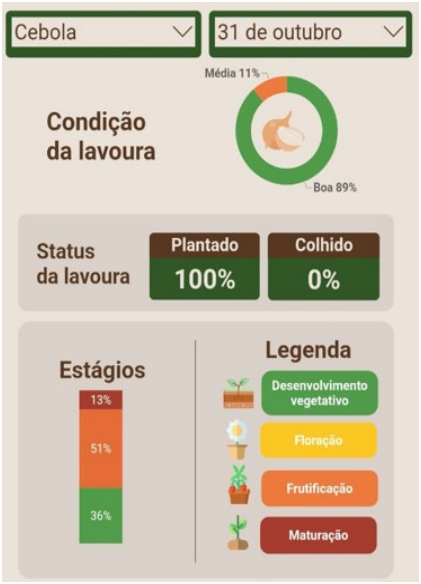


Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para outubro de 2026.

O cenário de recuperação dos preços da cebola na safra 2026/2027 é um reflexo tanto da redução das áreas, em praticamente todas as regiões produtoras, como do impacto do El Niño, que atrasou os períodos de plantio, tem dificultado a colheita e a cura das cebolas. As regiões produtoras do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste comercializaram boa parte da sua produção. Em Baraúna a oferta foi mais controlada, favorecendo a venda dos bulbos a patamares mais elevados e houve relatos de tripes. Em Minas Gerais e Goiás a safra se aproxima do fim, no entanto, houve uma pequena área cujo plantio foi tardio. Em São Paulo, as precipitações acima da média histórica dificultaram a colheita. O Paraná iniciou a colheita em atraso, também por conta do excesso de chuva, que provocou aumento de bacterioses e míldio. No estado vizinho, a oferta também é mais restrita. Todo esse cenário traz perspectivas de que o preço da cebola ao produtor catarinense será mais elevado do que o registrado na safra passada.

Safra catarinense

A cultura da cebola segue com avanço gradual para a maturação. Neste período, as condições meteorológicas são cruciais. Na região de Ituporanga, a fase predominante é a de bulbificação. No entanto, as variedades mais precoces, como a poranga, estão em maturação e colheita. Na região de Lebon Régis, cujas principais variedades plantadas são a Valesul e variedades crioulas, em geral, as lavouras estão atrasadas, com desenvolvimento vegetativo mais lento do que o normal e relato de mofo. Conforme imagem ao lado, a despeito das condições climáticas, a maior parte das lavouras seguem com bom desenvolvimento.



Devido às condições das lavouras, que em sua maioria estão consideradas como boas, as estimativas iniciais da safra continuam as mesmas do boletim passado, não havendo reduções esperadas na produtividade e, consequentemente, na produção. Dados da safra passada e da safra atual para microrregiões e o estado podem ser consultados na Tabela 1.

Tabela 1 – Cebola - SC: distribuição microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção - Safras 2025/26 e 2026/27

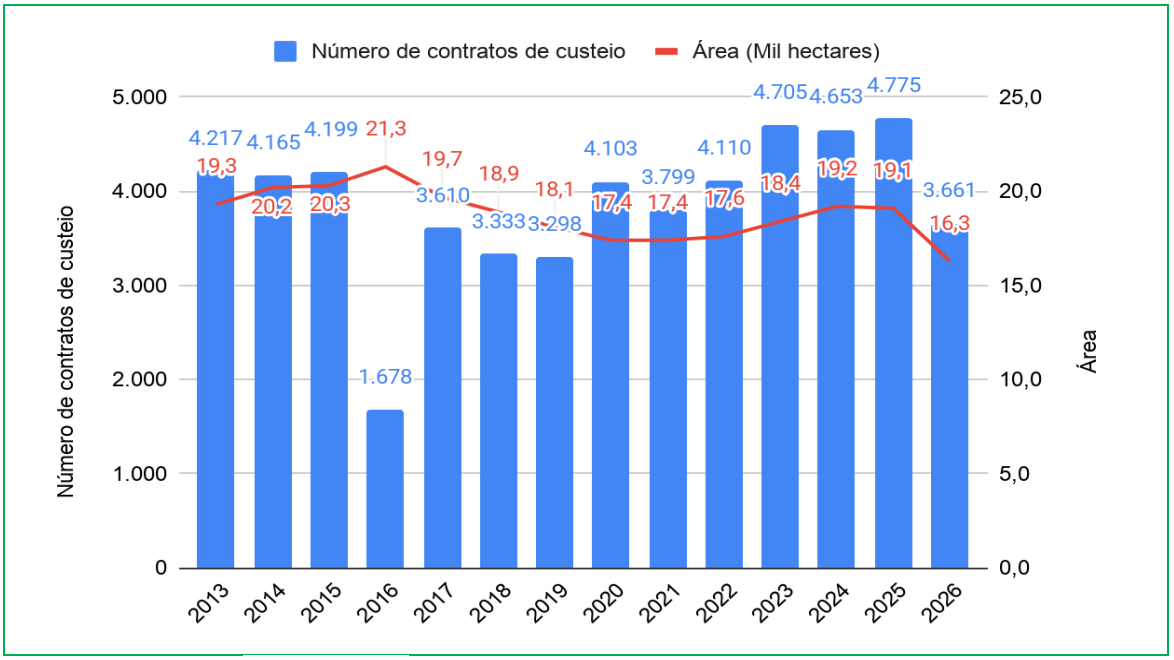
Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Partic. (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	0	0	0	0,00	-100,00	-100,00	-100,00
Campos de Lages	1.215	31.081	37.764	1.080	34.699	37.475	7,53	-11,11	11,64	-0,77
Canoinhas	170	43.235	7.350	170	43.235	7.350	1,48	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	312	45.833	14.300	277	42.700	11.828	2,38	-11,22	-6,84	-17,29
Ituporanga	8.723	34.211	298.422	7.510	30.513	229.150	46,02	-13,91	-10,81	-23,21
Joaçaba	1.797	40.857	73.420	1.155	38.797	44.810	9,00	-35,73	-5,04	-38,97
Rio do Sul	1.757	32.461	57.034	1.644	29.749	48.907	9,82	-6,43	-8,36	-14,25
Tabuleiro	3.861	27.149	104.823	3.256	26.912	87.627	17,60	-15,67	-0,87	-16,40
Tijucas	1.282	28.748	36.855	1.230	25.000	30.750	6,18	-4,06	-13,04	-16,56
Santa Catarina	**19.120**	**32.951**	**630.028**	**16.322**	**30.505**	**497.897**	**100,00**	**-14,63**	**-7,42**	**-20,97**

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Número de contratos de crédito rural

O objetivo desta seção é trazer dados do número de contratos de custeio firmados para o custeio da cultura da cebola. Até o momento, em 2026, foram realizados 3.661 contratos. Esse número é 23,3% menor do que aquele operado em 2025, conforme é possível verificar na figura 2 que segue. Como é possível perceber, já houve outros anos em que o número de contratos do crédito rural foi menor. Em 2016 o número de contratos foi ainda menor, ano em que houve uma quebra de safra provocado pelo fenômeno El Niño, endividamento, crise fiscal, aumento das taxas de juros e, consequentemente, maior rigor dos bancos na disponibilização de recursos.

Figura 2 - Cebola – SC: evolução da área cultivada e do número de contratos de custeio – (2013-26)



Fonte: Banco Central, outubro/2026

A explicação para a diminuição no número de contratos em 2026 está atrelada a alguns fatores. Os agricultores e extensionistas relatam que há um aumento do endividamento e dificuldades de obter as mesmas linhas de crédito subsidiado. Além do mais, houve diminuição da área dos cultivos de cebola e as áreas que deixaram de ser cultivadas, muito possivelmente, passaram a ser cultivadas com outros produtos.

Importações

Mais uma vez registrou-se aumento nos volumes importados de cebola, desta vez o aumento foi de mais de 11 mil toneladas, chegando a volumes quase em 554% superiores aos registrados em setembro. Em outubro foram importadas mais de 13 mil toneladas de cebola. Não é possível fazer um comparativo com o mesmo mês do ano passado, pois naquele mês não foram importadas cebolas. Na tabela 2, a seguir é possível observar qual é o volume dos bulbos, em tonelagem, que foram incorporados, mensalmente, ao longo do último triênio.

Tabela 2 - Cebola - Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan./2024 a out./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	23.355	42.265	53.502	38.108	9.450	461	2.016	13.182	-	-	182.942

Fonte: Comex Stat/MDCS, outubro/2026
Em toneladas.

A variação nos recursos destinados à aquisição destas cebolas segue o mesmo comportamento do volume físico de cebolas importadas, houve um aumento significativo de aproximadamente

576,1%, conforme tabela a seguir, dado que foram destinados em torno de 8.152 mil dólares para a importação de cebolas.

Essas duas tabelas apontam que a dinâmica deste mercado é exatamente o oposto da dinâmica verificada no ano anterior: a partir de agosto de 2026, há uma disponibilidade menor de cebolas, que tem conduzido ao aumento gradual nos volumes importados. Ao contrário, a partir do segundo semestre de 2025, havia uma maior disponibilidade interna de cebolas, levando a uma diminuição gradual nos volumes importados.

Tabela 3 - Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a out./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116	5.408	10.250	15.299	12.412	2.844	285	1.205	8.152			56.110

Fonte: Comex Stat/MDIC, outubro/2026
Valores nominais em mil dólares americanos.

O preço pago ao quilo da cebola importada em outubro de 2026 foi de US$0,61 o quilo. Valor que está um pouco acima do preço registrado no mês anterior, que foi de US$0,59. Do total importado, a parte mais significativa veio da Espanha, em torno de 57,1%, e dos Países Baixos, porcentagem próxima a 40,7%. Bélgica, Argentina e Peru foram os países fornecedores dos 2,2% restantes. As cebolas espanholas adentram a um custo de US$0,60 o quilo e as holandesas a US$0,64. Bélgica e Peru forneceram cebolas na mesma faixa de valor, já a Argentina exportou os bulbos a US$0,26 o quilo.



Pecuária

Avicultura 46
Bovinocultura 52
Suinocultura 56
Leite 62

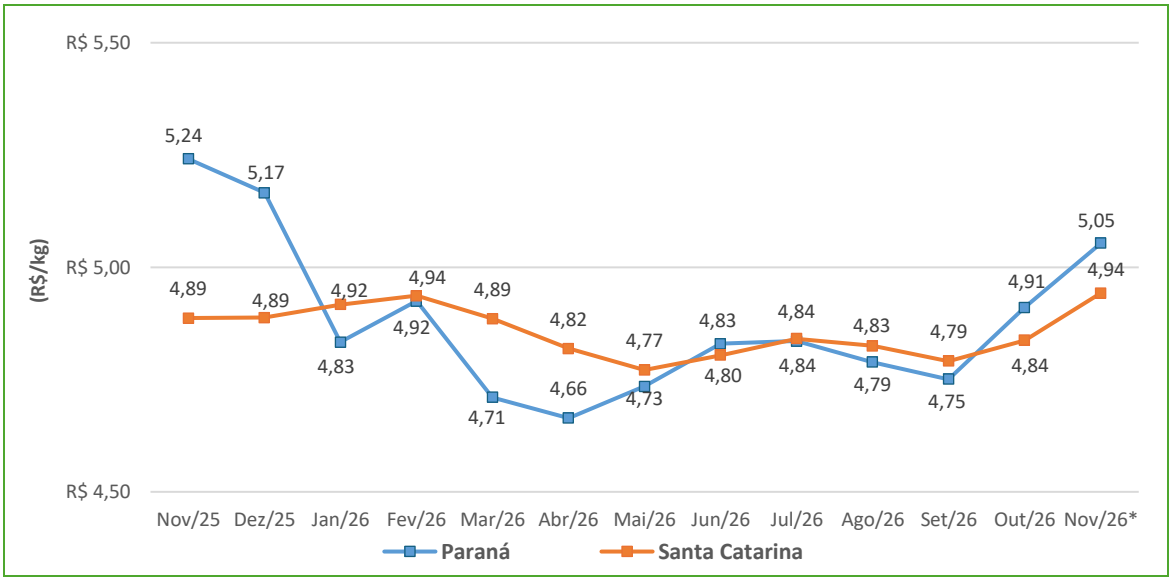
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro deste ano, os preços do frango vivo apresentaram altas nos dois principais estados produtores: 2,9% no Paraná e 2,2% em Santa Catarina, na comparação com o mês anterior. Em relação aos preços de novembro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificaram-se situações distintas nos dois estados: queda de 3,6% no Paraná e alta de 1,1% em Santa Catarina.

Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R$/kg)**

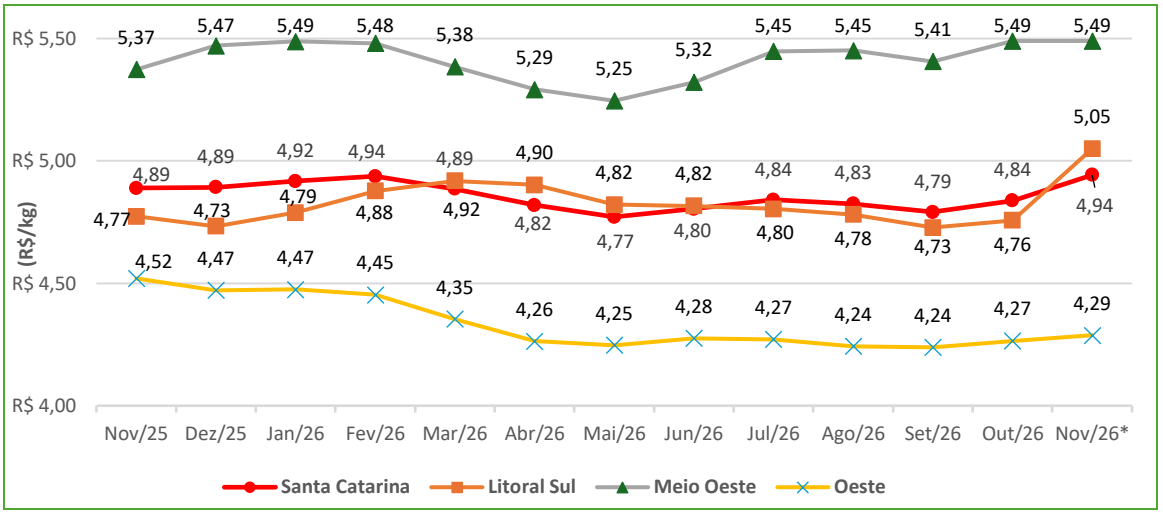


Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
**Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Os preços do frango vivo também registraram altas na maioria das regiões catarinenses em que a Epagri/Cepa realiza levantamentos: 6,2% no Litoral Sul e 0,5% no Oeste, na comparação entre os preços da primeira quinzena de novembro e as médias do mês anterior. No Meio Oeste, o preço manteve-se inalterado no período.

Ao comparar os valores atuais com os de novembro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se variações positivas nas regiões Meio Oeste (2,2%) e Litoral Sul (5,8%), enquanto na região Oeste registrou-se queda (-5,2%).

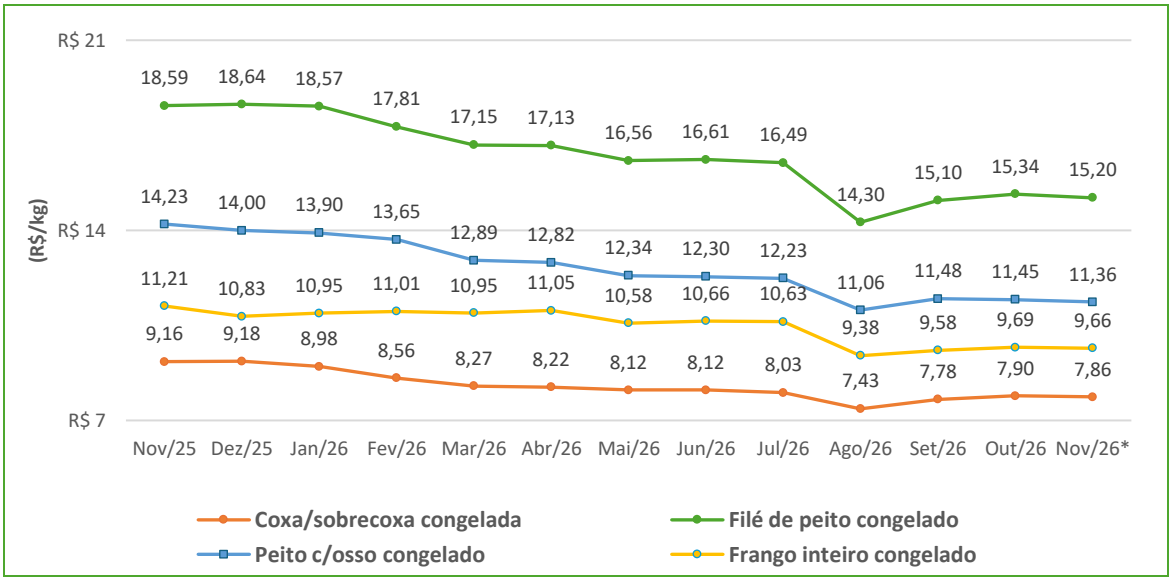
Figura 2 - Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa
(1) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

No mercado atacadista, após altas pontuais em setembro e outubro, nas duas primeiras semanas de novembro registrou-se novamente predomínio de variações negativas nos preços da carne de frango. Na comparação com o mês anterior, foram observadas quedas nos seguintes cortes: filé de peito (-0,9); peito com osso (-0,8%); coxa/sobrecoxa (-0,5%) e frango inteiro (-0,3%). A variação média dos quatro cortes foi de -0,6%. Neste ano, a carne de frango acumula queda de 12,0%.

Figura 3 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

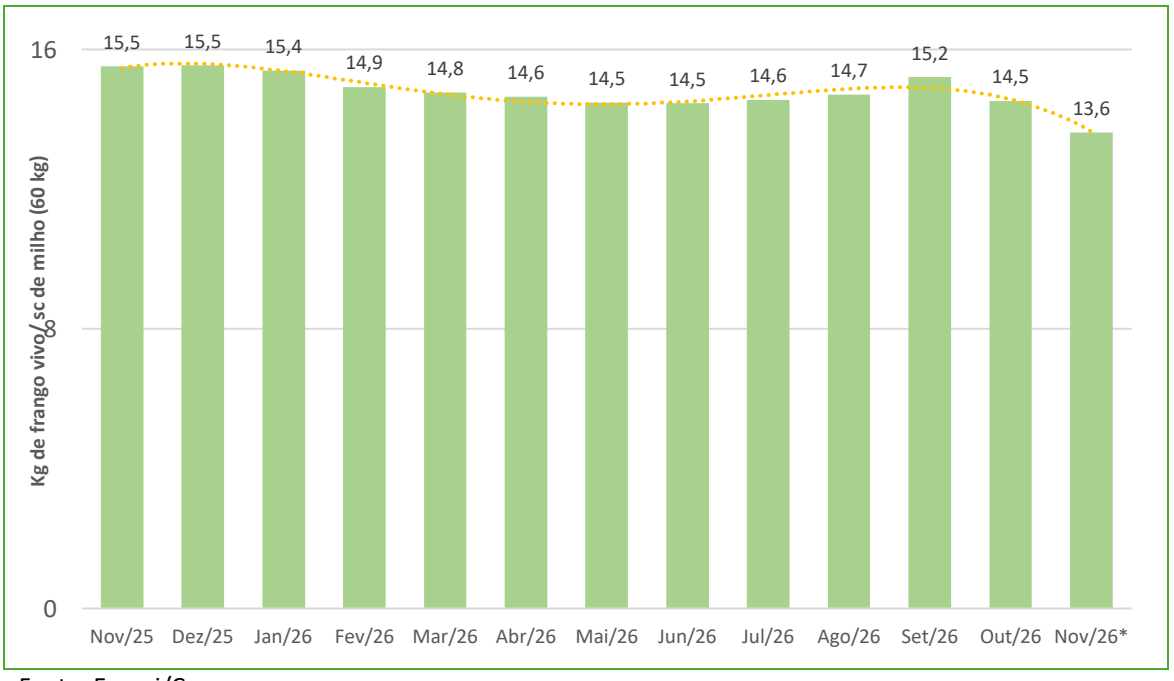
Ao comparar os valores atuais com os de novembro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI do período –, observa-se que todos os cortes apresentaram variações negativas expressivas: peito com osso (-20,1%); filé de peito (-18,2%); coxa/sobrecoxa (-14,1%) e frango inteiro (-13,8%). A variação média dos quatro cortes foi de -16,6%.

Custos

De acordo com os cálculos da Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de frangos em aviário climatizado de pressão positiva em Santa Catarina foi de R$ 5,09/kg de peso vivo em outubro, o que representa uma alta de 2,6% em relação ao mês anterior. O valor atual está igual ao custo calculado para outubro de 2025 (corrigido pelo IGP-DI). No ano, o custo de produção de frangos acumula leve alta de 0,7% em Santa Catarina, resultado da queda de 4,2% no preço do milho, principal componente das rações animais, e da alta de 2,2% no preço do frango vivo.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 12,2% nas primeiras semanas de novembro em relação ao mês anterior.

Figura 4 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho



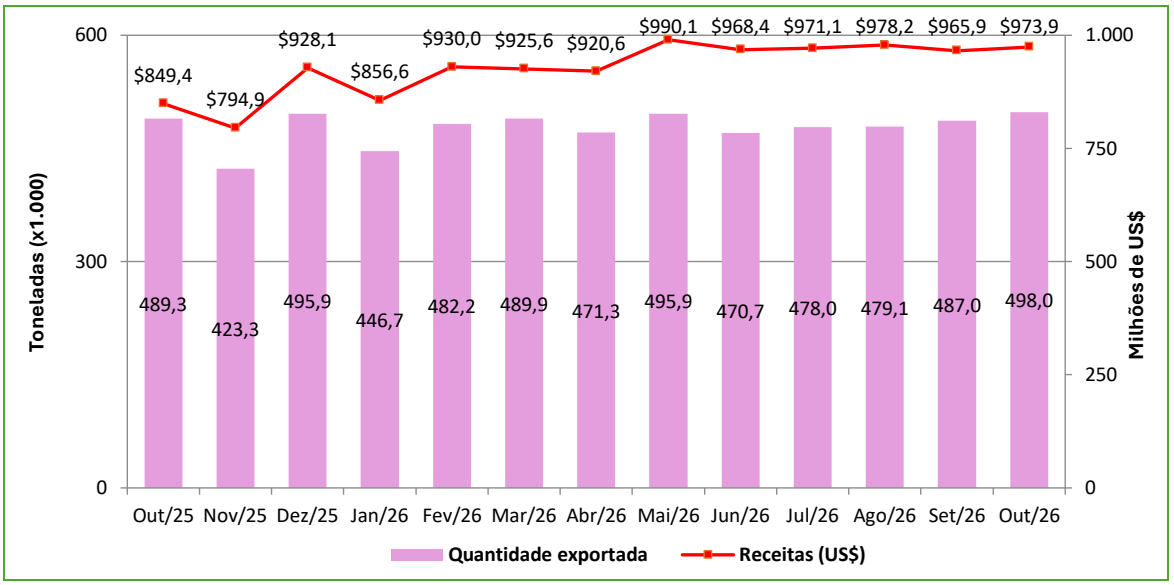
Fonte: Epagri/Cepa
Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Comércio exterior

O Brasil exportou 498,0 mil toneladas de carne de frango em outubro deste ano, o que representou alta de 2,3% em relação a setembro e de 1,8% na comparação com outubro de 2025. As receitas somaram US$ 973,9 milhões, avanço de 0,8% frente ao mês anterior e de

14,7% em relação a outubro de 2025. O valor exportado em outubro representa o melhor desempenho da série histórica, iniciada em 1997, para o referido mês.

Figura 5 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

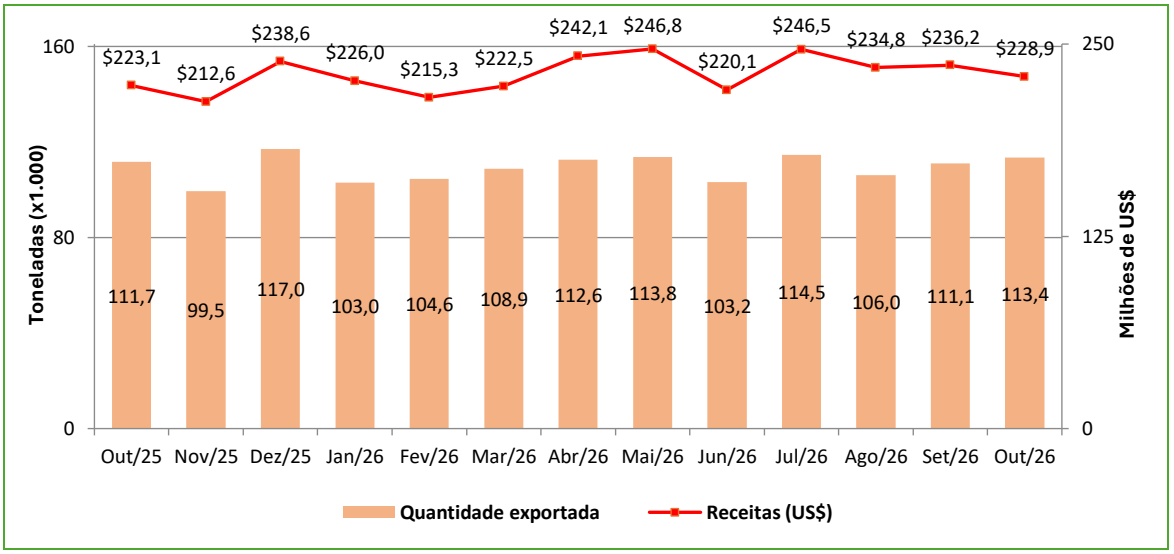


Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado de janeiro a outubro, o Brasil exportou 4,30 milhões de toneladas, com receitas de US$ 9,48 bilhões – altas de 13,1% e 21,0%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Os resultados dos primeiros dez meses representam o melhor desempenho da série histórica tanto em termos de receitas quanto em volume.

Em outubro de 2026, Santa Catarina exportou 113,4 mil toneladas de carne de frango – avanço de 2,0% em relação a setembro e de 1,5% ante outubro de 2025. Já as receitas com os embarques totalizaram US$ 228,9 milhões, recuo de 3,1% frente a setembro, mas alta de 2,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado de outubro foi o melhor desempenho da série histórica, iniciada em 1997, para o referido mês em termos de receitas, além de ser o segundo melhor em quantidade. Esses dados demonstram que a detecção da doença de Newcastle no Oeste Catarinense ainda não impactou de forma expressiva os embarques estaduais, o que tem relação com o período de identificação dos focos.

Figura 6 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em outubro foi de US$ 1.999,92 por tonelada – queda de 4,2% em relação a setembro e de 0,9% na comparação com outubro de 2025.

Nos dez primeiros meses de 2026, o estado exportou 1,09 milhão de toneladas, com receitas de US$ 2,32 bilhões. Esses valores representam aumentos de 10,7% e 16,0%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com isso, Santa Catarina alcançou o melhor resultado da série histórica em receitas para o período (janeiro a outubro) e o segundo melhor em volume.

Os principais destinos da carne de frango catarinense neste ano foram os Países Baixos (13,7% do total), o Japão (12,3%), a China (10,6%) e a Arábia Saudita (9,5%).

Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan.-out./2026

País	Valor (US$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos (Holanda)	317.903.660,00	13,7	93.737	8,6
Japão	285.541.464,00	12,3	114.326	10,5
China	245.899.421,00	10,6	103.485	9,5
Arábia Saudita	220.304.359,00	9,5	102.050	9,4
Emirados Árabes Unidos	152.112.325,00	6,6	70.537	6,5
Demais países	1.097.404.119,00	47,3	606.781	55,6
Total	**2.319.165.348,00**	**100**	**1.090.916**	**100**

Fonte: MDIC/Comex Stat

Em relação ao mesmo período de 2025, os três principais compradores registraram altas: Países Baixos (66,7% em quantidade e 57,6% em receitas), Japão (7,0% e 32,0%) e China (112,1% e 140,0%).

Santa Catarina foi responsável por 24,5% das receitas e 22,7% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil nos primeiros dez meses de 2026.

Doença de Newcastle

Em 19 de outubro, foi confirmado o primeiro foco da doença de Newcastle em um estabelecimento comercial de criação de perus para corte, em Nova Itaberaba, no Oeste de Santa Catarina. A ocorrência levou à interdição da propriedade e à suspensão da movimentação de aves, além da intensificação das medidas de vigilância e controle sanitário. Até as 16h de 20/outubro, haviam sido confirmadas suspensões das importações de produtos avícolas de todo o Brasil pelo México e de Santa Catarina pela China e pelo Chile. Posteriormente, outros focos foram identificados, afetando também outros municípios da região (Águas Frias, Coronel Freitas e Nova Erechim).

A principal preocupação econômica está nos possíveis efeitos sobre as exportações catarinenses de carne de frango, produto estratégico para a economia estadual. Entre janeiro e outubro de 2026, Santa Catarina exportou 1,09 milhão de toneladas, no valor de US$ 2,32 bilhões, registrando receita recorde para o período. Como parcela expressiva da produção depende do mercado externo, restrições sanitárias podem afetar o escoamento da produção mesmo com o foco localizado e sem disseminação da doença.

A dimensão dos efeitos dependerá principalmente do alcance geográfico das restrições, de sua duração e da capacidade de negociar o reconhecimento da regionalização sanitária. A experiência do foco registrado no Rio Grande do Sul em 2024 mostra que os importadores podem adotar medidas distintas: desde suspensões nacionais até restrições limitadas ao estado ou a uma área próxima ao estabelecimento afetado. Medidas regionalizadas tendem a preservar maior parcela dos embarques catarinenses, enquanto restrições abrangentes podem comprometer o acesso a mercados relevantes. A China merece atenção especial por sua importância comercial, assim como o México, que suspendeu as importações brasileiras, e o Chile, que restringiu as compras originárias de Santa Catarina.

Com base nos destinos das exportações catarinenses e nas restrições adotadas em 2024, estima-se que mercados potencialmente sujeitos a medidas nacionais ou estaduais representem, conjuntamente, cerca de 28,7% do volume e 30,7% da receita das exportações de carne de frango do estado. Esses valores não representam perdas previstas ou efetivamente realizadas. Parte dos embarques poderá ser redirecionada a outros destinos ou ao mercado interno, embora isso possa exigir renegociações, adaptações logísticas e descontos, pressionando preços e margens da indústria e dos produtores integrados. O precedente gaúcho também indica que uma retração estadual pode coexistir com o crescimento das exportações brasileiras, sem eliminar os custos enfrentados pelos agentes diretamente afetados.

A rapidez e a credibilidade da resposta sanitária, aliadas ao reconhecimento da regionalização e à coordenação entre autoridades públicas e setor produtivo, têm sido decisivas para limitar os impactos sobre a avicultura brasileira e catarinense.

Bovinocultura

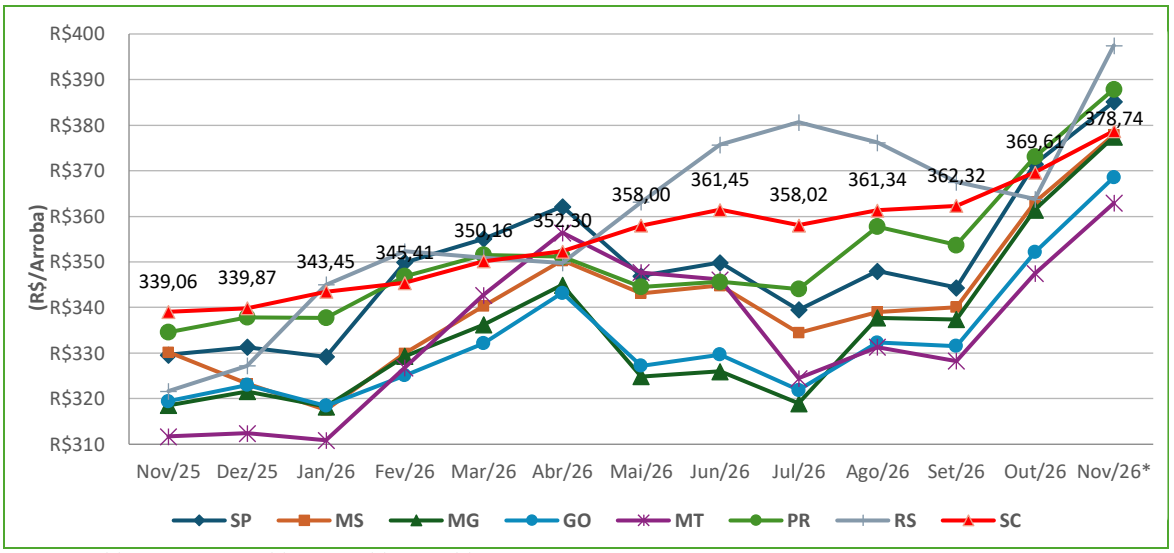
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro, observou-se a continuidade do movimento de altas nos preços do boi gordo nos principais estados produtores, quando comparados ao mês anterior: Rio Grande do Sul (9,3%); Goiás (4,7%); Minas Gerais (4,4%); Mato Grosso (4,4%); Mato Grosso do Sul (4,1%); Paraná (4,0%); São Paulo (3,7%) e Santa Catarina (2,5%). Esse cenário decorre da redução na oferta de animais para abate e do aumento da demanda – especialmente em função das festividades de final de ano, período de maior consumo de carne bovina. Esses fatores neutralizam os efeitos de um mercado externo menos favorável sobre os preços ao produtor.

Quando se comparam os preços das primeiras semanas de novembro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todos os estados registraram altas expressivas no período: 29,0% no Rio Grande do Sul; 23,7% em Minas Gerais; 22,0% em São Paulo; 21,5% no Mato Grosso; 21,1% no Paraná; 20,5% em Goiás; 19,5% no Mato Grosso do Sul; e 16,6% em Santa Catarina.

Figura 1 - Boi gordo – SC[1], SP[2], MG[2], GO[2], MT[2], MS[2], PR[3] e RS[4]: evolução dos preços da arroba (R$/arroba)

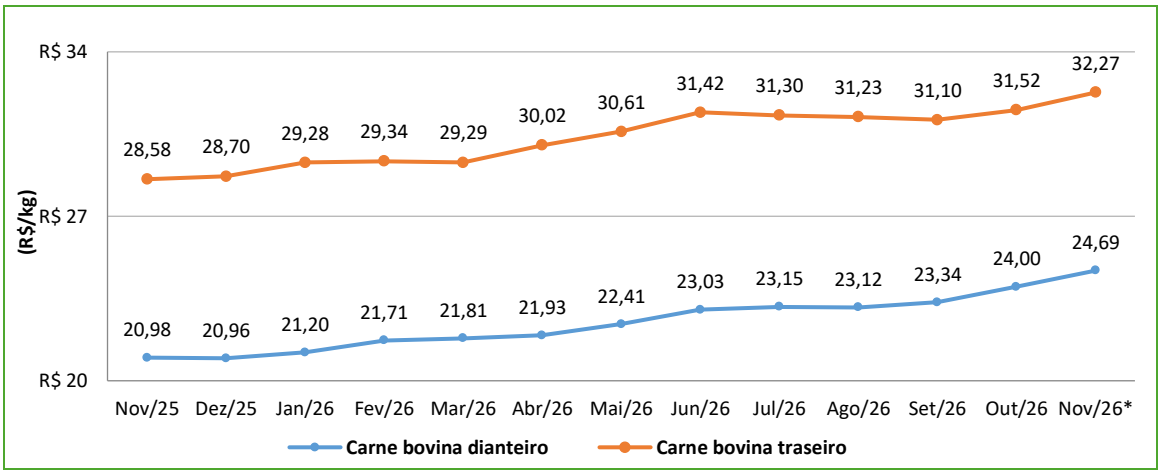


Fontes: [1]Epagri/Cepa; [2]Cepea; [3]Seab; [4]Nespro
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Em Santa Catarina, observaram-se variações positivas em quase todas as regiões nas primeiras semanas de novembro, com destaque para o Planalto Norte, que registrou alta de 8,8% em relação à média de outubro. As únicas regiões que não apresentaram variações positivas foram o Alto Vale do Rio do Peixe, onde os preços mantiveram-se inalterados, e o Planalto Sul, com queda de 0,6%.

O mercado atacadista segue registrando altas, movimento que tem predominado desde o último trimestre do ano passado. Em relação ao mês anterior, a carne de dianteiro subiu 2,9% nas primeiras semanas de novembro, enquanto a carne de traseiro apresentou alta de 2,4%. A variação média do período foi de 2,6%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 18,4%.

Figura 2 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R$/kg)



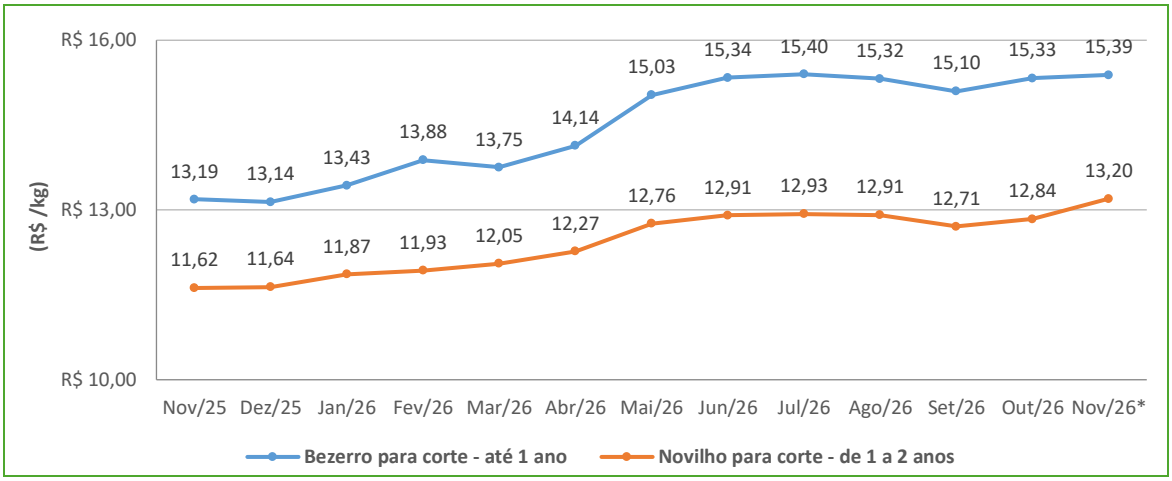
Fonte: Epagri/Cepa
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Ao comparar os preços das primeiras semanas deste mês e as médias de novembro de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, observam-se variações positivas em ambos os casos: 17,7% para a carne de dianteiro e 12,9% para a carne de traseiro, com aumento médio de 15,3%.

Custos

Nas semanas iniciais de novembro, os preços das duas categorias de animais de reposição registraram altas, movimento que tem predominado desde o último trimestre de 2025. Os bezerros de corte com até 1 ano apresentaram alta de 0,4% em relação ao mês anterior, enquanto o preço dos novilhos de corte de 1 a 2 anos registrou variação positiva de 2,8%.

Figura 3 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R$/kg)



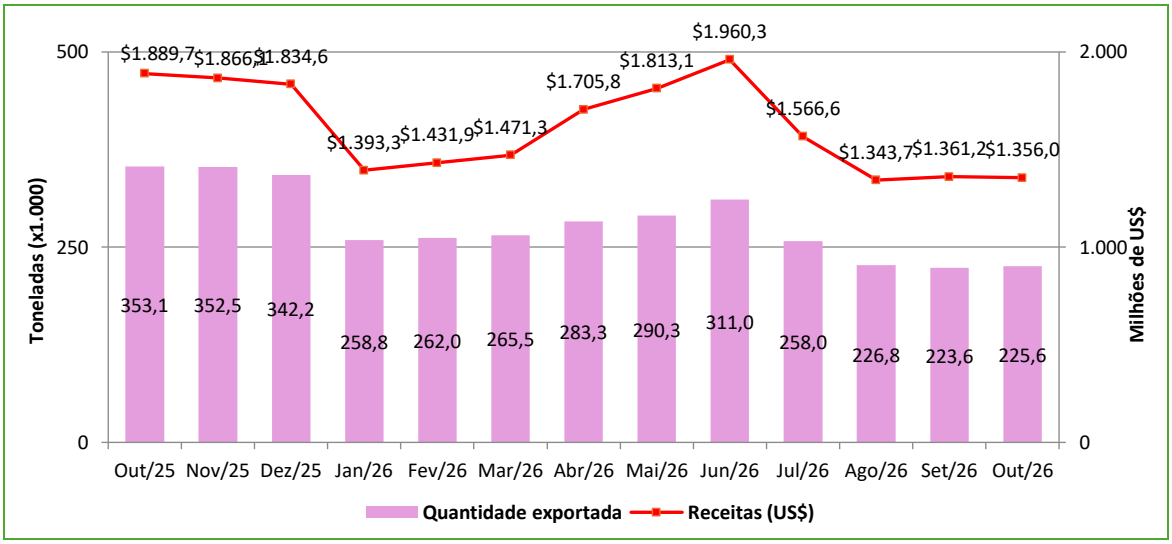
Fonte: Epagri/Cepa
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Na comparação entre os valores preliminares deste mês e os de novembro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas nos dois casos: 16,7% para os bezerros com até 1 ano e 13,6% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **225,6 mil toneladas** de carne bovina, alta de 0,9% em relação ao mês anterior, mas queda de 36,1% em relação a outubro de 2025. As receitas foram de **US$ 1,36 bilhão**, leve queda de 0,4% frente ao mês anterior e de 28,2% em relação ao mesmo mês de 2025.

Figura 4 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

Mais uma vez, o resultado de outubro foi decorrente principalmente da expressiva redução nas exportações para a China, principal comprador da carne bovina brasileira, em função do alcance da cota com tarifa de importação reduzida. Em relação a outubro do ano anterior, os embarques para aquele destino apresentaram queda de 77,6% em volume e 71,8% em receitas.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em outubro foi de **US$ 6.363,82** por tonelada – alta de 1,3% ante setembro e de 14,9% em relação a outubro de 2025.

No acumulado de janeiro a outubro, o Brasil exportou **2,60 milhões de toneladas**, com receitas de **US$ 15,4 bilhões**, queda de 5,7% em quantidade, mas alta de 8,2% em receitas, em relação ao mesmo período de 2025.

Santa Catarina, por sua vez, exportou cerca de **473 toneladas** de carne bovina em outubro, com faturamento de **US$ 2,07 milhões**, o que representou um crescimento de 49,9% em volume e de 28,1% em valor, na comparação com outubro de 2025.

No acumulado de janeiro a outubro, o estado já exportou **5,14 mil toneladas**, com receitas de **US$ 22,52 milhões,** altas de 153,9% e 140,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

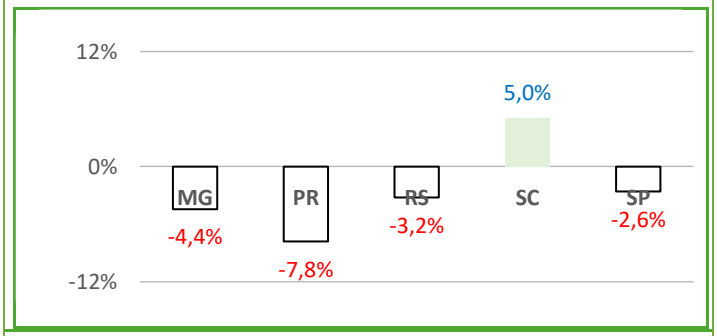
Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

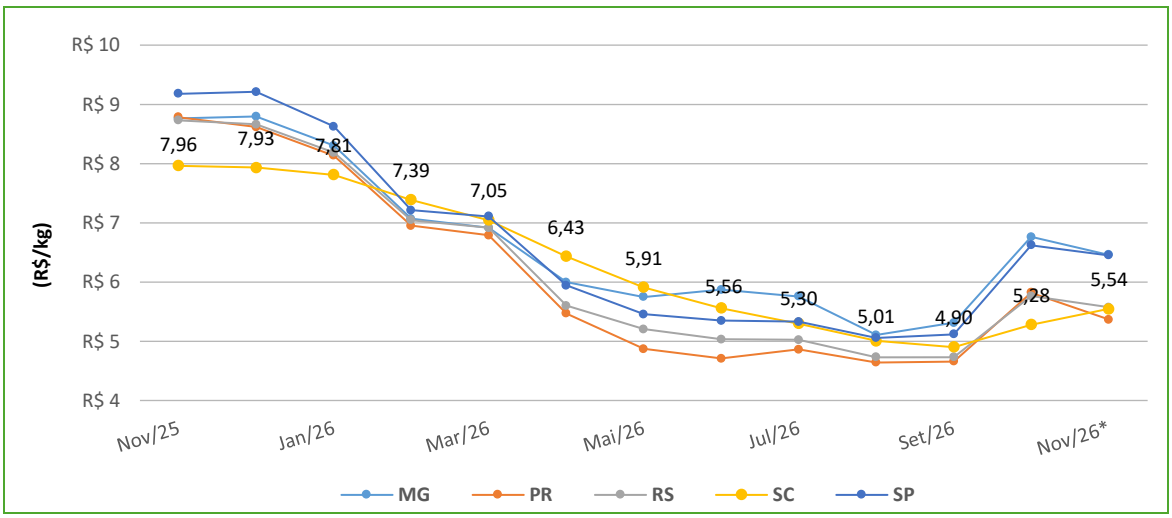
Depois de dois meses de altas, nas primeiras semanas de novembro os preços do suíno vivo voltaram a registrar quedas na maioria dos principais estados produtores. A única exceção é Santa Catarina, como demonstra a Figura 1. Quando se comparam os valores preliminares de novembro com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, se verificam variações negativas acentuadas em todos os estados analisados: -38,9% no Paraná; -36,1% no Rio Grande do Sul; -30,4% em Santa Catarina; -29,7% em São Paulo; e -26,3% em Minas Gerais.

Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (out.-nov./2026(1))



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
(1) Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R$/kg)

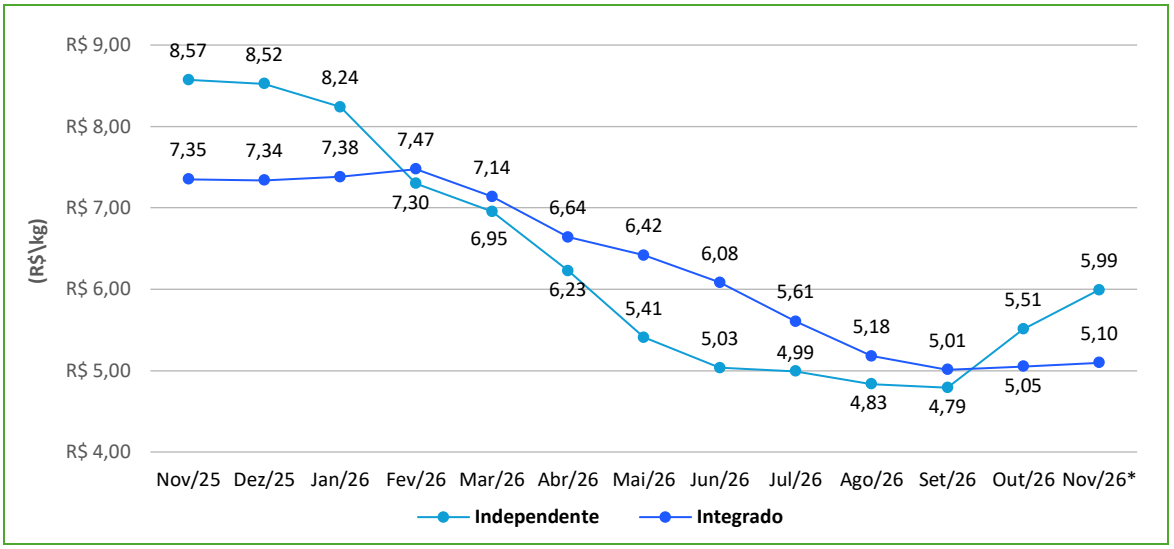


Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

A análise dos preços pagos nas primeiras semanas de novembro aos dois tipos de produtores em Santa Catarina evidencia uma recuperação nos dois casos, mas com intensidades bastante distintas: alta de 8,8% em relação ao mês anterior para os produtores independentes,

enquanto o preço aos produtores integrados cresceu 0,9% no período. Ao comparar os valores de novembro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, contudo, se registram quedas expressivas em ambos os casos: -30,1% para os produtores independentes e -30,7% para os integrados.

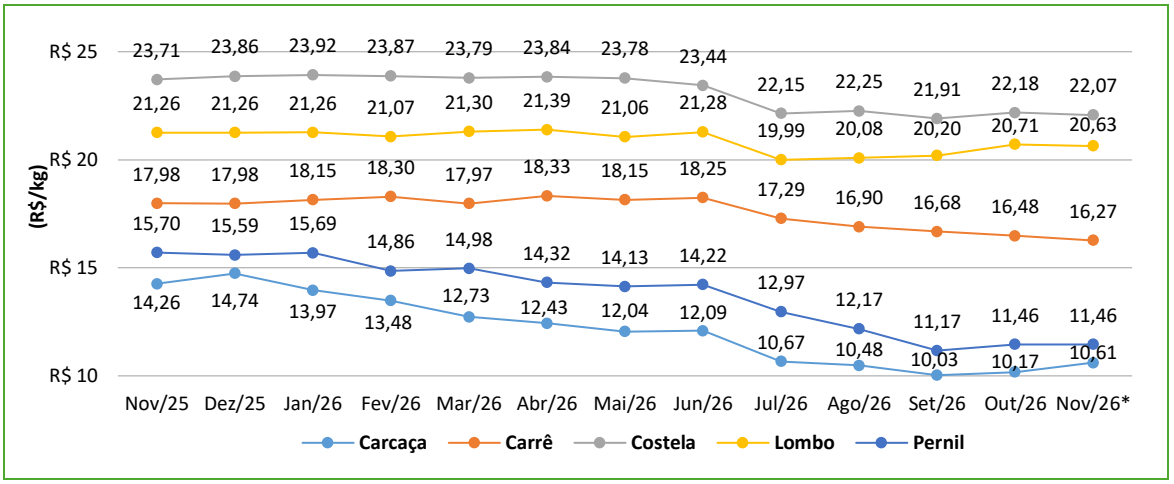
Figura 3 - Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado



Fonte: Epagri/Cepa
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

No mercado atacadista, depois de um predomínio de altas em outubro, as primeiras semanas de novembro foram marcadas por variações negativas em relação ao mês anterior na maioria dos cortes: carrê (-1,3%); costela (-0,5%); lombo (-0,4%); e pernil (-0,1%). Somente a carcaça suína apresentou variação positiva nesse período (4,3%). Com isso, na média dos cinco cortes, a variação foi de 0,4%. No acumulado do ano, a carne suína apresenta queda de 12,1%.

Figura 4 - Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

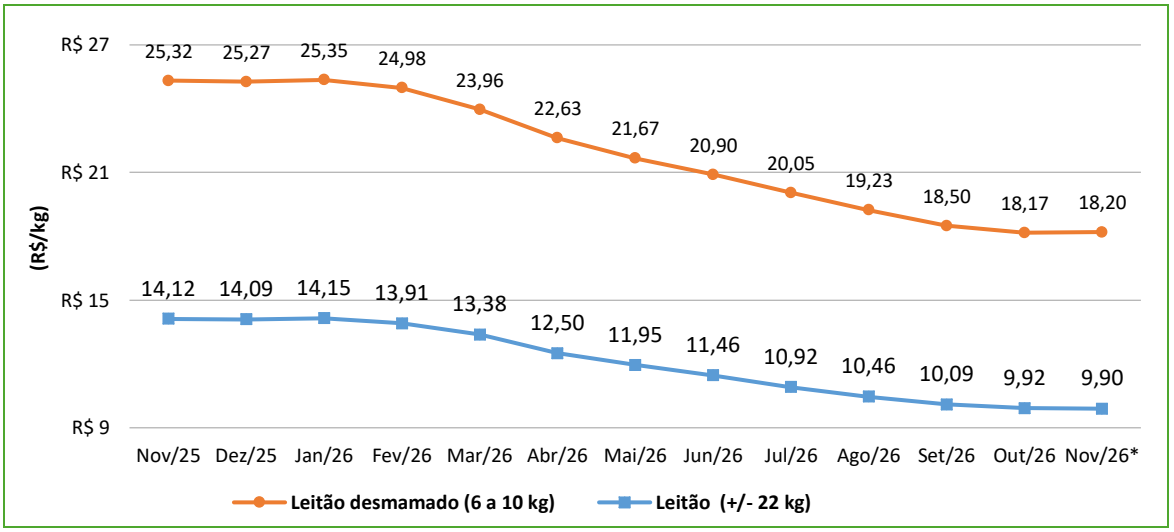
Quando se comparam os valores preliminares de novembro com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI – verificam-se variações negativas em todos os cortes, embora em índices bastante distintos: pernil (-27,1%); carcaça (-25,6%); carrê (-9,5%); costela suína (-6,9%); e lombo (-2,9%). Na média dos cinco cortes, observou-se queda de 14,4%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em outubro o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R$ 6,51/kg de peso vivo, o que representa uma leve queda de 0,6% em relação ao mês anterior. Apesar do resultado do último mês, os custos acumulam alta de 4,9% no ano. Por outro lado, em relação a outubro de 2025, levando-se em consideração o IGP-DI do período, verifica-se queda de 1,9%.

Os preços dos leitões, por sua vez, registraram tendências levemente distintas nas primeiras semanas de novembro em relação ao mês anterior: alta de 0,2% para os leitões de 6 kg a 10 kg e queda de 0,2% para os leitões de aproximadamente 22 kg. Embora tenha sido uma variação pequena, é importante destacar que essa é a primeira alta registrada nos preços de leitões desde fevereiro deste ano.

Figura 5 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R$/kg)

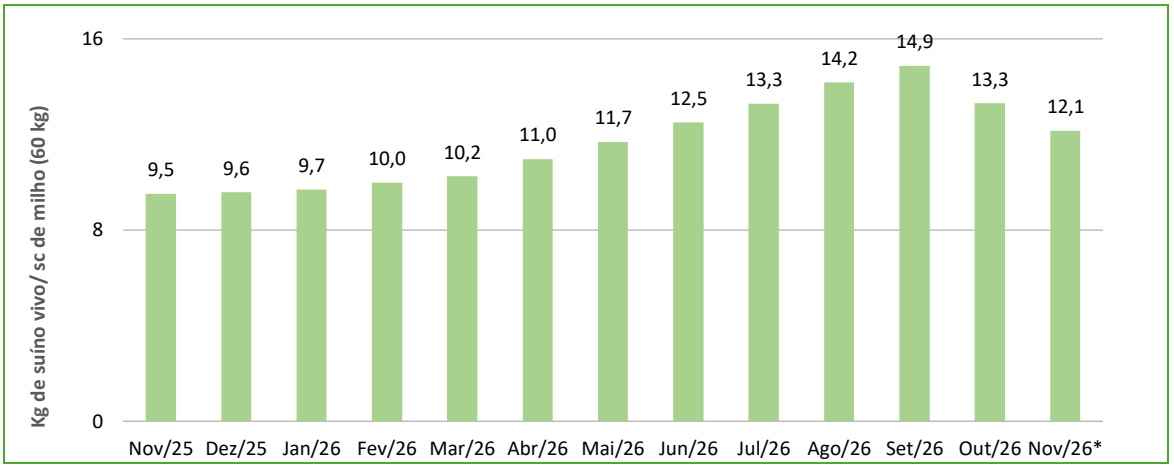


Fonte: Epagri/Cepa
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Na comparação entre os valores atuais e os de novembro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se defasagens expressivas nas duas categorias: -28,1% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -29,9% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 8,8% nas primeiras semanas de novembro, resultante da alta de 5,0% no preço médio estadual do suíno vivo e da queda de 4,2% no preço do milho no atacado.

Figura 6 - Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60 kg de milho



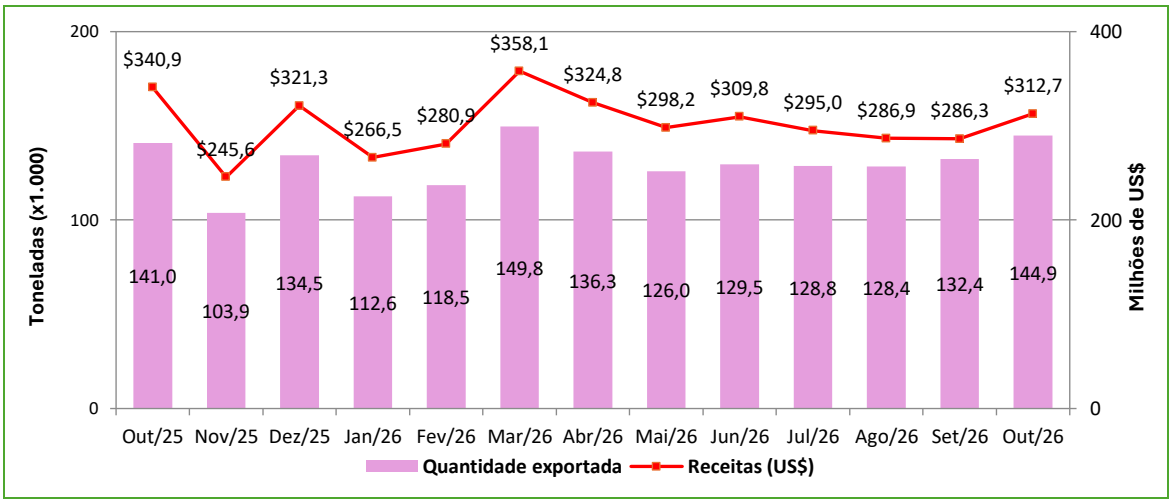
Fonte: Epagri/Cepa
Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).
* Os valores de novembro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Apesar dessa queda recente, quando se compara o valor preliminar de novembro com a média do mesmo mês de 2025, verifica-se uma alta de 27,4% no índice. Isso significa que os produtores atualmente necessitam de 2,6 kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho (60 kg).

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou 144,9 mil toneladas de carne suína, alta de 9,4% em relação ao mês anterior e de 2,8% na comparação com outubro de 2025. As receitas foram de US$ 312,7 milhões no último mês, crescimento de 9,2% frente ao mês anterior, mas recuo de 8,3% em relação a outubro do ano passado. O resultado de outubro representa o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para o referido mês em termos de volume e o segundo em receitas.

Figura 7 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas



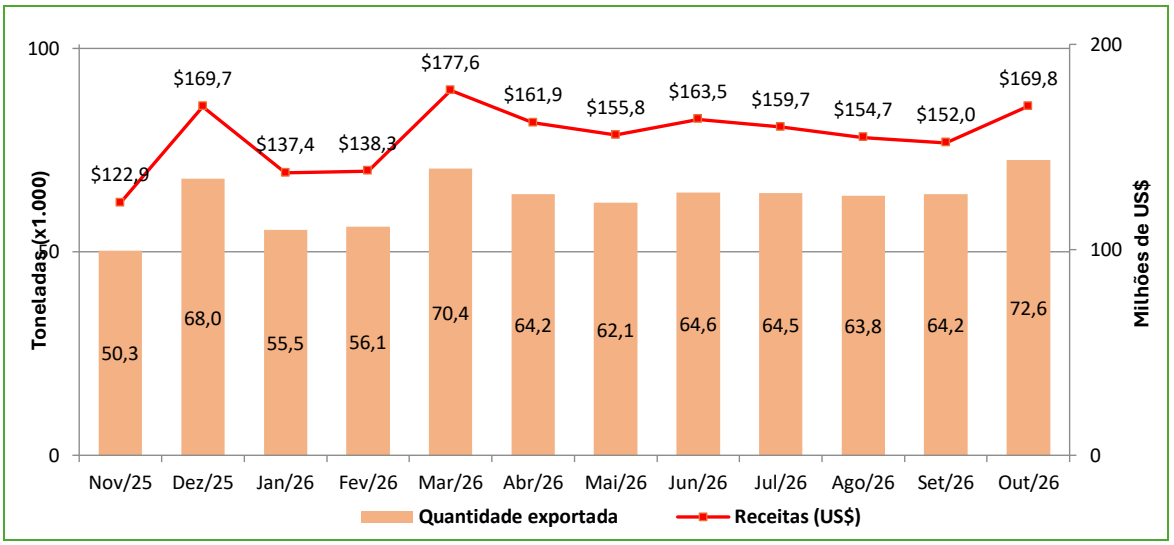
Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado de janeiro a outubro, o país exportou 1,31 milhão de toneladas de carne suína, com receitas de US$ 3,02 bilhões, valores que representam crescimentos de 6,1% em quantidade e 0,3% em receitas na comparação com o mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para os dez primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras no período foram as Filipinas, que concentraram 21,8% das receitas totais, seguidas por Japão (17,8%), China (8,0%) e Chile (7,8%).

Em outubro, Santa Catarina exportou 72,6 mil toneladas de carne suína, volume que representa uma alta de 13,1% em relação a setembro e de 6,2% na comparação com o mesmo mês do ano passado. As receitas somaram US$ 169,8 milhões, crescimento de 11,7% sobre o mês anterior, mas queda de 1,6% ante outubro de 2025. Os resultados de outubro representam o melhor desempenho da série histórica para o referido mês em termos de volume e o segundo melhor em receitas. Esse foi também o segundo melhor mês da história em termos de volume, atrás apenas de julho de 2024.

Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em outubro ficou em **US$ 2.424,23** por tonelada – queda de 0,6% ante setembro e de 7,1% na comparação com outubro do ano anterior.

No acumulado de janeiro a outubro, o estado exportou 638,0 mil toneladas, gerando US$ 1,57 bilhão em receitas. Esses valores representam aumentos de 1,2% e 0,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica para os dez primeiros meses do ano.

Os principais destinos da carne suína catarinense entre janeiro e outubro foram Japão (34,4% das receitas), China (13,6%) e Filipinas (13,0%). Na comparação com o ano anterior, o Japão registrou um crescimento de 68,4% em volume e 65,1% em receitas, o que compensou as quedas registradas em outros destinos relevantes, como a China (-14,8% em quantidade e -15,0% em receitas) e as Filipinas (-24,5% e -31,5%, respectivamente). Ainda assim, o saldo positivo ante 2025 vem encolhendo mês a mês e pode se tornar negativo no último bimestre.

Tabela 1 - Carne suína - Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan.-out./2026

País	Valor (US$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	539.914.625,00	34,4	160.526	25,2
China	214.334.200,00	13,6	100.624	15,8
Filipinas	204.869.795,00	13,0	99.173	15,5
México	126.206.030,00	8,0	55.336	8,7
Chile	106.375.731,00	6,8	48.659	7,6
Demais países	378.984.111,00	24,1	173.674	27,2
Total	**1.570.684.492,00**	**100**	**637.991**	**100**

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por 48,6% do volume e 51,8% das receitas totais das exportações brasileiras de carne suína no ano.

No início deste mês, o Departamento de Agricultura das Filipinas anunciou a implantação de uma medida provisória de salvaguarda comercial que restringe por 60 dias as importações de determinados produtos de carne suína e miúdos comestíveis de diversos fornecedores, incluindo o Brasil. A decisão decorre de investigação preliminar das autoridades filipinas sobre os efeitos do aumento das importações na produção local. A vigência da medida tem início em 24 de novembro de 2026.

A restrição filipina representa um risco para a suinocultura nacional, uma vez que as Filipinas se consolidaram como o principal destino da carne suína brasileira, absorvendo 21,8% do valor exportado entre janeiro e outubro deste ano, com vendas que somaram 305,7 mil toneladas e US$ 657,6 milhões em receitas. Para Santa Catarina, o impacto tende a ser um pouco menos expressivo, já que as Filipinas são apenas o terceiro principal destino da carne suína catarinense, respondendo por 13,0% das receitas dos primeiros dez meses do ano. Ainda assim, a efetivação da medida filipina pode impactar os preços do produto no mercado interno, afetando a cadeia como um todo. Diante desse cenário, o governo brasileiro e a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) articulam uma ofensiva diplomática e técnica para reverter a medida: a entidade já apresentou defesa técnica no processo de salvaguarda no fim de outubro e integrará a missão oficial liderada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva às Filipinas, quando negociações de alto nível buscarão demonstrar a importância do abastecimento brasileiro para a segurança alimentar filipina e pleitear a continuidade dos embarques.

Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa
andreassing@epagri.sc.gov.br

Captação de leite

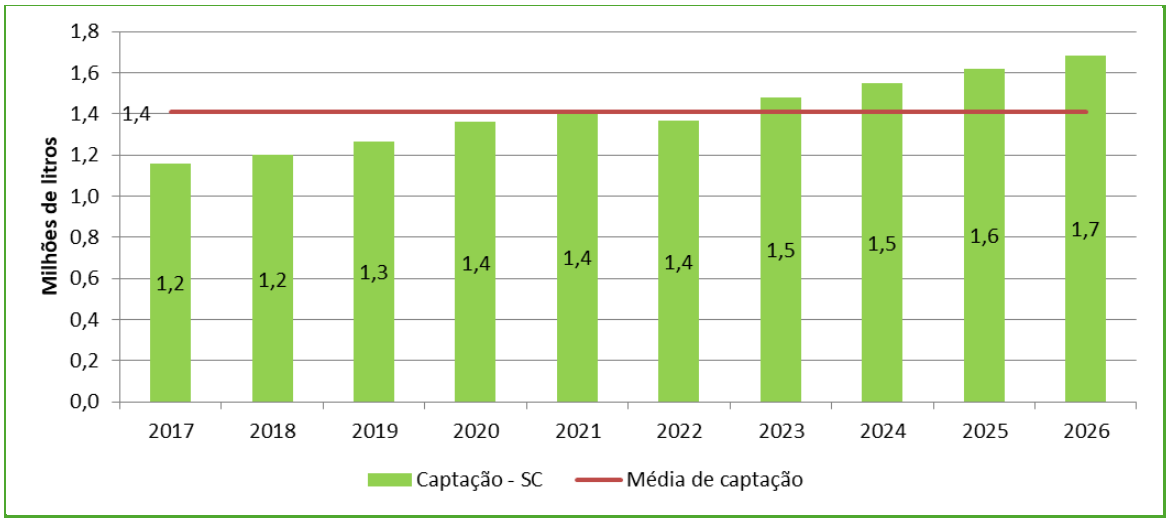
No boletim anterior, foram apresentados os dados de produção de leite de 2025 divulgados pelo IBGE. Cabe distinguir os conceitos de produção e captação: enquanto a produção compreende todo o leite produzido nas propriedades rurais, independentemente de sua destinação, a captação corresponde ao volume de leite adquirido pelas indústrias localizadas no estado para processamento, independentemente de sua origem. Em setembro, o IBGE também divulgou os dados estaduais de captação referentes ao segundo trimestre de 2026, permitindo consolidar os resultados do primeiro semestre do ano.

No Brasil, a captação de leite alcançou 13,4 bilhões de litros no primeiro semestre de 2026, volume 10% superior à média dos últimos dez anos (12,2 bilhões de litros) e 2% acima do registrado no mesmo período de 2025.

Em Santa Catarina, a captação atingiu aproximadamente 1,7 bilhão de litros, volume 21% superior à média da última década (1,4 bilhão de litros) e 6,2% acima do registrado no primeiro semestre de 2025 (1,6 bilhão de litros) (Figura 1).

Os resultados evidenciam um crescimento mais expressivo da captação de leite em Santa Catarina em relação ao Brasil, tanto na comparação com o primeiro semestre de 2025, quando a expansão estadual foi o dobro da nacional (6,2% frente a 2%), quanto em relação à média da última década (21% frente a 10%).

Figura 1 - Santa Catarina: evolução da captação de leite no primeiro semestre (2017–2026)



Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, novembro/2026

Produção de leite por Mesorregião do estado de Santa Catarina

No boletim de outubro, foram analisados os dados de produção de leite, rebanho de vacas ordenhadas e produtividade do Brasil e dos principais estados produtores, com base na Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM/IBGE). Nesta edição, a análise é aprofundada para as seis mesorregiões de Santa Catarina, evidenciando as diferenças regionais na atividade leiteira (Tabela 1).

O Oeste Catarinense concentra a maior parte da atividade leiteira estadual, respondendo por 78% da produção e 68% do rebanho de vacas ordenhadas, além de apresentar produtividade 15% superior à média catarinense. Em contraste, a Grande Florianópolis participa com apenas 1% da produção e 2,5% do rebanho estadual, registrando produtividade 60% inferior à média do estado, resultado associado, entre outros fatores, ao perfil mais urbanizado da região.

Esses indicadores evidenciam a forte concentração territorial da atividade leiteira no Oeste Catarinense, seguido pelas mesorregiões Sul Catarinense e Vale do Itajaí, que também se destacam na produção estadual.

Tabela 1 – Mesorregiões - SC: evolução da produção, rebanho e produtividade - (2023 - 2025)

Mesorregiões	Produção (milhões de litros)			Vacas ordenhadas			Produtividade estimada		
	2023	2024	2025	2023	2024	2025	2023	2024	2025
Brasil	35.248	35.722	36.684	15.563.445	15.096.462	14.681.416	8,9	9,2	9,8
Santa Catarina	3.202	3.299	3.433	826.373	806.976	780.577	15,2	16,0	17,2
Oeste Catarinense	2.432	2.541	2.677	552.049	547.832	530.276	17,2	18,1	19,8
Sul Catarinense	278	277	288	84.377	82.273	79.855	12,9	13,1	14,1
Vale do Itajaí	235	235	225	86.665	85.159	81.210	10,6	10,8	10,9
Serrana	110	114	115	39.971	40.054	40.198	10,8	11,1	11,2
Norte Catarinense	97	93	93	32.270	28.802	29.199	11,7	12,6	12,5
Grande Florianópolis	50	39	35	31.041	22.856	19.839	6,3	6,7	6,8

Fonte: PPM/IBGE, novembro/2026

Balança Comercial

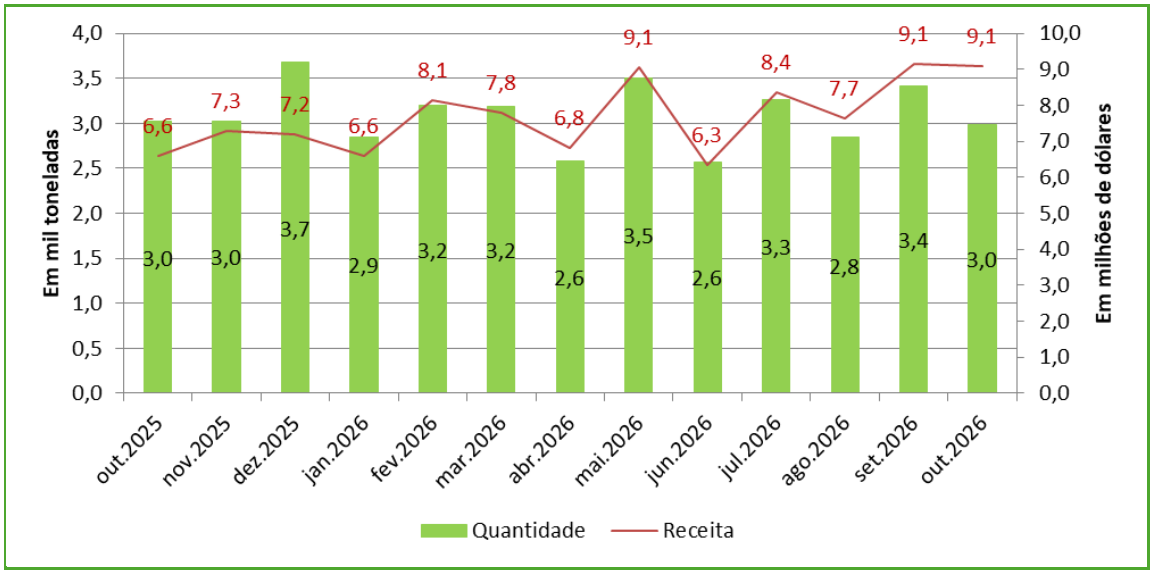
Balança Comercial Láctea Brasileira

Em outubro de 2026, o Brasil exportou 3,0 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 2), volume 11,8% inferior ao registrado em setembro (3,4 mil toneladas). Na comparação com outubro de 2025, quando as exportações somaram 3,0 mil toneladas, o volume embarcado permaneceu estável.

Em termos de receita, as exportações totalizaram US$ 9,1 milhões (valor FOB), mantendo-se estáveis em relação a setembro de 2026. No comparativo interanual, a receita apresentou crescimento de 37,9% frente a outubro de 2025, quando havia alcançado US$ 6,6 milhões, a preços correntes.

Em outubro de 2026, entre os principais produtos lácteos exportados pelo Brasil, considerando a quantidade em toneladas, destacaram-se creme de leite (26% do total exportado), a manteiga (23%) e o leite condensado (16%). Os principais destinos dessas exportações foram os Estados Unidos (15%), o Egito (11%) e os Emirados Árabes Unidos (10%).

Figura 2 - Brasil: evolução das exportações mensais de lácteos - (out./2025 a out./2026)



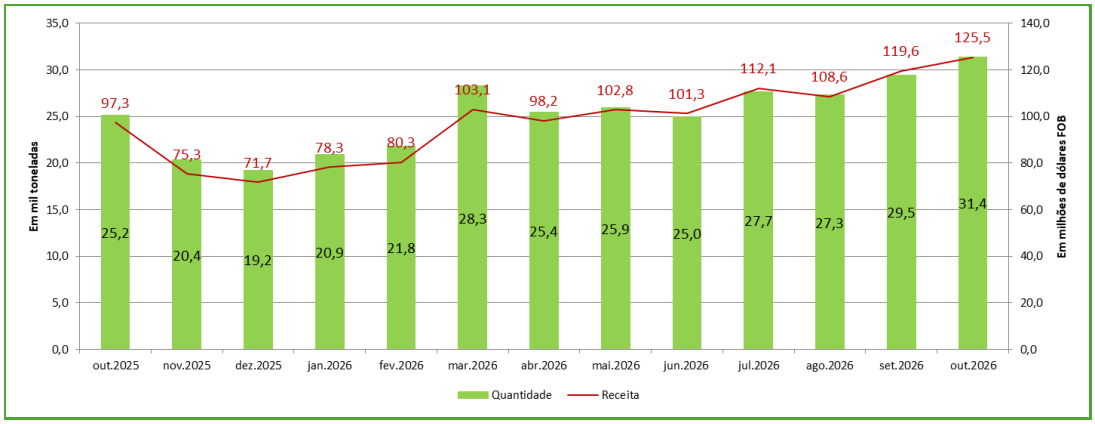
Fonte: ComexStat/Mdic, novembro/2026

Em outubro de 2026, o Brasil importou 31,4 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 3), volume 6,4% superior ao registrado em setembro (29,5 mil toneladas). Na comparação com outubro de 2025, quando as importações somaram 25,2 mil toneladas, houve crescimento de 24,6%, alcançando o maior volume mensal dos últimos 13 meses.

Em termos de valor, as importações totalizaram US$ 125,5 milhões (FOB), representando crescimento de 4,9% em relação a setembro de 2026 (US$ 119,6 milhões). No comparativo interanual, houve aumento de 29,0% frente a outubro de 2025, quando as importações haviam alcançado US$ 97,3 milhões, a preços correntes.

Os principais produtos importados no mês de outubro foram leite em pó (65%), queijos (23%) e soro de leite (7%), originários principalmente da Argentina (64%), do Uruguai (23%) e do Paraguai (9%).

Figura 3 - Brasil: evolução das importações mensais de lácteos - (out./2025 a out./2026)

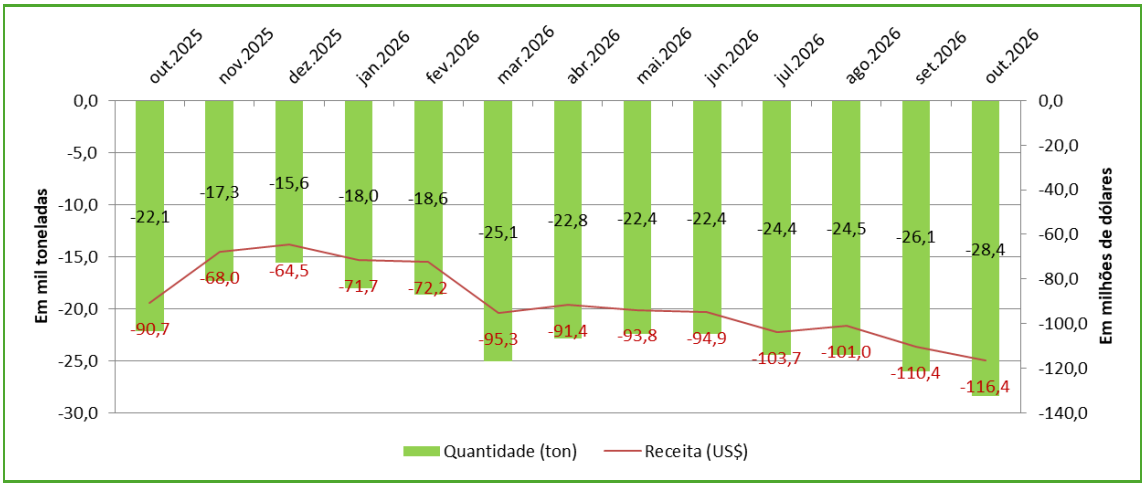


Fonte: ComexStat/Mdic, novembro/2026

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em outubro de 2026, déficit de 28,4 mil toneladas, resultado de 31,4 mil toneladas importadas e 3,0 mil toneladas exportadas (Figura 4). Esse resultado representa uma ampliação de 8,8% em relação a setembro de 2026, quando o déficit havia sido de 26,1 mil toneladas.

Na comparação com outubro de 2025, quando o déficit foi de 22,1 mil toneladas, observa-se um aumento de 28,5%. Em termos monetários, o saldo comercial foi negativo em US$ 116,4 milhões, frente ao déficit de US$ 90,7 milhões registrado em outubro de 2025, uma ampliação de 28,3%. O resultado de outubro representa o maior déficit mensal, tanto em volume quanto em valor, dos últimos 13 meses.

Figura 4 - Brasil: evolução do saldo mensal de lácteos - (out./2025 a out./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, novembro/2026

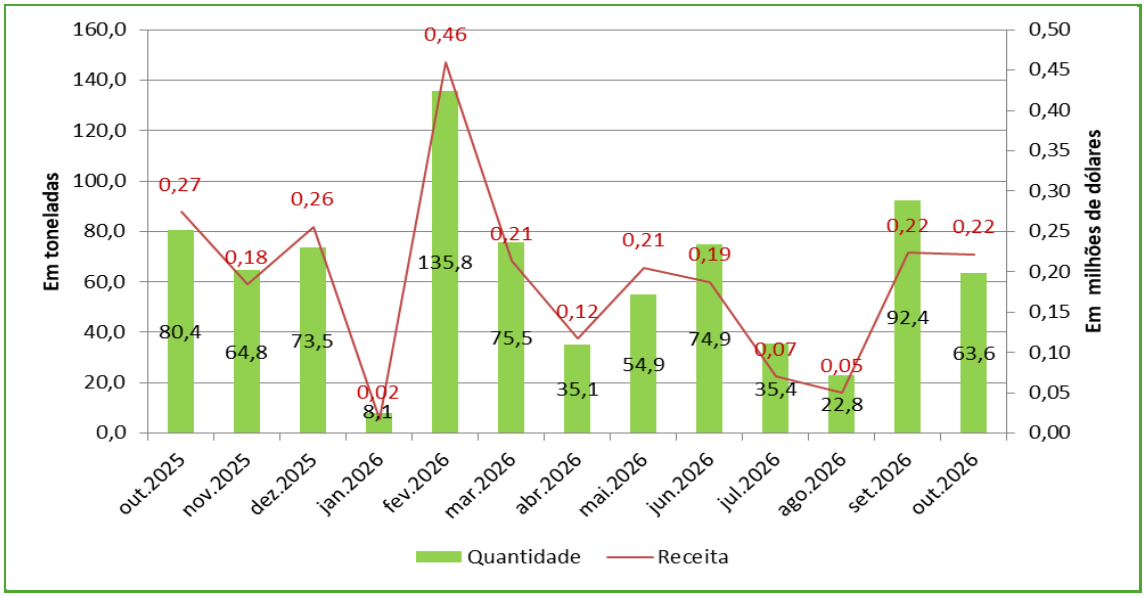
Balança Comercial Láctea Catarinense

Em outubro de 2026, Santa Catarina exportou 63,6 toneladas de produtos lácteos (Figura 5), volume 31,2% inferior ao registrado em setembro (92,4 toneladas). Na comparação com outubro de 2025, quando as exportações somaram 80,4 toneladas, houve redução de 20,9% no volume embarcado.

Em termos de valor, as exportações geraram uma receita de US$ 0,22 milhão (FOB), mantendo-se estável em relação a setembro de 2026. No comparativo interanual, a receita apresentou redução de 18,5% frente a outubro de 2025, quando havia alcançado US$ 0,27 milhão, a preços correntes.

Em outubro de 2026, entre os principais produtos lácteos exportados por Santa Catarina, considerando a quantidade em toneladas, destacaram-se o leite em pó (86% do total exportado), o leite condensado (6%) e os queijos (3%). Os principais destinos dessas exportações foram São Vicente e Granadinas (85%), Paraguai (5%) e Marshall Ilhas (2%).

Figura 5 - SC: evolução das exportações mensais de lácteos - (out./2025 a out./2026)



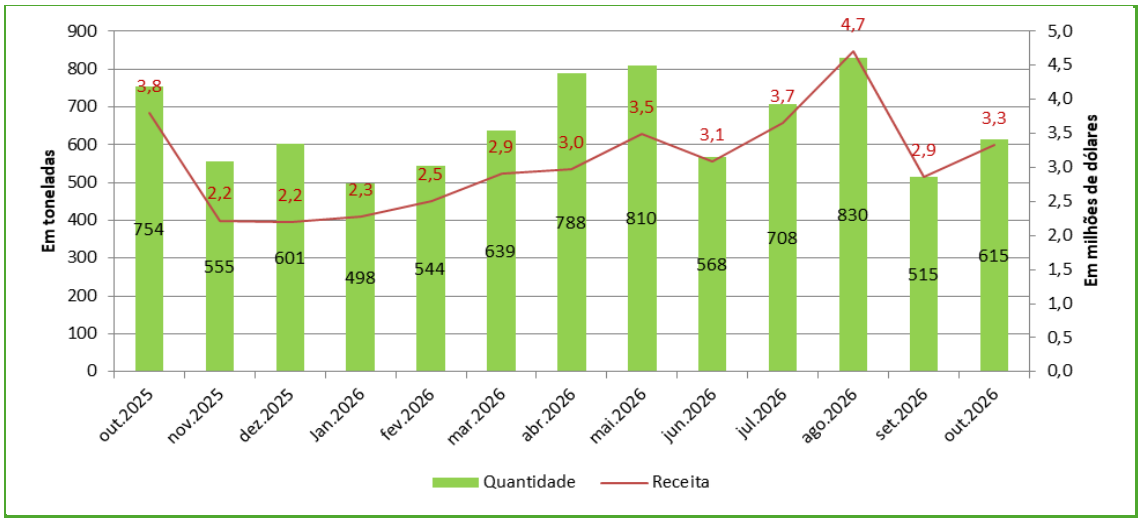
Fonte: ComexStat/Mdic, novembro/2026

Em outubro de 2026, Santa Catarina importou 615 toneladas de produtos lácteos (Figura 6), volume 19,4% superior ao registrado em setembro (515 toneladas). Na comparação com outubro de 2025, quando as importações somaram 754 toneladas, houve redução de 18,4% no volume importado.

Em termos de valor, as importações totalizaram US$ 3,3 milhões (FOB), representando crescimento de 13,8% em relação a setembro de 2026 (US$ 2,9 milhões). No comparativo interanual, houve redução de 13,2% frente a outubro de 2025, quando as importações haviam alcançado US$ 3,8 milhões, a preços correntes.

Os principais produtos importados por Santa Catarina no mês foram queijos (73%), leite em pó (14%) e demais gorduras lácteas (7%), originários principalmente da Argentina (78%), do Uruguai (18%) e países baixos (4%).

Figura 6 - SC: evolução das importações mensais de lácteos - (out./2025 a out./2026)

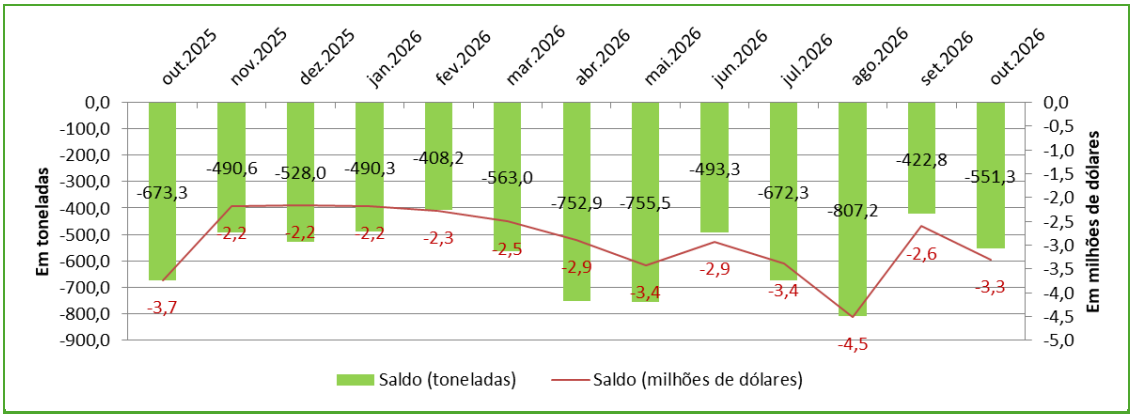


Fonte: ComexStat/Mdic, novembro/2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em outubro de 2026, déficit de 551,3 toneladas, resultado de importações de aproximadamente 615 toneladas e exportações de 63,6 toneladas (Figura 7). Esse saldo negativo representa uma ampliação de 30,4% em relação a setembro de 2026, quando o déficit havia sido de 422,8 toneladas.

Na comparação com outubro de 2025, quando o déficit foi de 673,3 toneladas, observa-se uma redução de 18,1% no saldo negativo. Em termos financeiros, o déficit alcançou US$ 3,3 milhões, frente a US$ 2,6 milhões em setembro de 2026, uma ampliação de 26,9%. Em relação a outubro de 2025, quando o déficit havia sido de US$ 3,7 milhões, houve redução de 10,8%.

Figura 7 - Santa Catarina: evolução do saldo mensal de lácteos - (out./2025 a out./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, novembro/2026

Preços do leite ao produtor e preços dos derivados em Santa Catarina

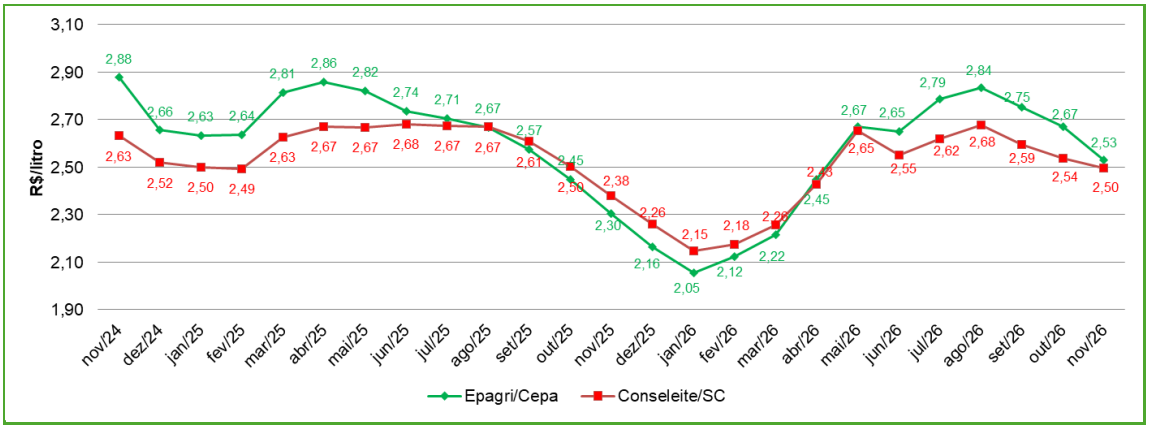
Preço pago ao produtor Epagri/Cepa e Preço de referência do Conseleite/SC

No dia 22 de outubro, o Conseleite/SC realizou sua reunião, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o leite padrão. O valor de referência do Conseleite/SC para o leite entregue em setembro e pago em outubro foi de R$ 2,5365/litro, enquanto a projeção para o leite entregue em outubro e pago em novembro ficou em R$ 2,4962/litro, indicando redução de aproximadamente 1,6% (Figura 8).

Os preços levantados pela Epagri/Cepa para os primeiros dias de novembro mantiveram a trajetória de queda iniciada em setembro. Após atingirem R$ 2,84/litro em agosto, recuaram para R$ 2,75/litro em setembro, R$ 2,67/litro em outubro e R$ 2,53/litro em novembro, redução de 5,2% no último mês e de 10,9% em relação a agosto. O movimento interrompeu a trajetória de valorização observada entre fevereiro e agosto de 2026.

Na comparação interanual, o preço médio levantado pela Epagri/Cepa em novembro de 2026 (R$ 2,53/litro) ficou 10,0% acima do registrado em novembro de 2025 (R$ 2,30/litro). Apesar da valorização anual, a sequência de quedas recentes, acompanhada pela redução dos valores de referência do Conseleite/SC, indica intensificação da pressão sobre os preços recebidos pelos produtores, em um contexto de maior disponibilidade de leite no mercado nacional.

Figura 8 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (nov./2024 a nov./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Variação dos preços por praça

Em outubro de 2026, o preço médio pago ao produtor pelo litro de leite apresentou predomínio de queda nas praças catarinenses pesquisadas, em comparação com setembro (Tabela 2). Das sete praças analisadas, cinco registraram retração e duas apresentaram estabilidade. Na comparação com outubro de 2025, cinco praças registraram valorização, uma permaneceu estável e uma apresentou queda.

- **Comparativo mensal (outubro/26 vs. setembro/26):** as maiores retrações ocorreram na Grande Florianópolis (-7%, de R$ 2,79 para R$ 2,60/litro) e no Extremo Oeste (-6%, de R$ 2,71 para R$ 2,56/litro). Na sequência, aparecem o Litoral Sul (-4%, de R$ 2,76 para R$ 2,65/litro), o Oeste (-3%, de R$ 2,81 para R$ 2,73/litro) e o Litoral Norte (-2%, de R$ 2,71 para R$ 2,66/litro). O Alto Vale do Rio do Peixe e o Meio Oeste apresentaram relativa estabilidade, com variações arredondadas de 0%.
- **Comparativo anual (outubro/26 vs. outubro/25):** as maiores valorizações ocorreram no Meio Oeste (+15%, de R$ 2,37 para R$ 2,72/litro), Litoral Sul (+9%, de R$ 2,44 para R$ 2,65/litro) e Oeste (+8%, de R$ 2,53 para R$ 2,73/litro). Na sequência, aparecem o Extremo Oeste (+5%, de R$ 2,44 para R$ 2,56/litro) e o Alto Vale do Rio do Peixe (+4%, de R$ 2,41 para R$ 2,50/litro). O Litoral Norte permaneceu estável (R$ 2,66/litro), enquanto a Grande Florianópolis apresentou retração de 7%, passando de R$ 2,78 para R$ 2,60/litro.

Apesar das valorizações observadas na comparação anual na maioria das praças, as quedas registradas em outubro reforçam a tendência recente de redução dos preços recebidos pelos produtores catarinenses, em um contexto de expansão da oferta de leite no mercado nacional.

Tabela 2 - Leite - Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina

Praça	Out. 2026	Set. 2026	Var. mensal	Out. 2025	Var. anual
Alto Vale do Rio do Peixe	2,50	2,51	0%	2,41	4%
Extremo Oeste	2,56	2,71	-6%	2,44	5%
Grande Florianópolis	2,60	2,79	-7%	2,78	-7%
Litoral Norte	2,66	2,71	-2%	2,66	0%
Litoral Sul	2,65	2,76	-4%	2,44	9%
Meio Oeste	2,72	2,71	0%	2,37	15%
Oeste	2,73	2,81	-3%	2,53	8%

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
Preço médio mensal em R$/litro corrigido pelo IGP-DI. Preços consolidados.

Em outubro, entre os laticínios acompanhados no estado, o menor preço registrado foi de R$ 2,04/litro, na UGT Alto Vale do Rio do Peixe, enquanto o maior alcançou R$ 3,07/litro, na UGT do Oeste.

Preços dos derivados no atacado

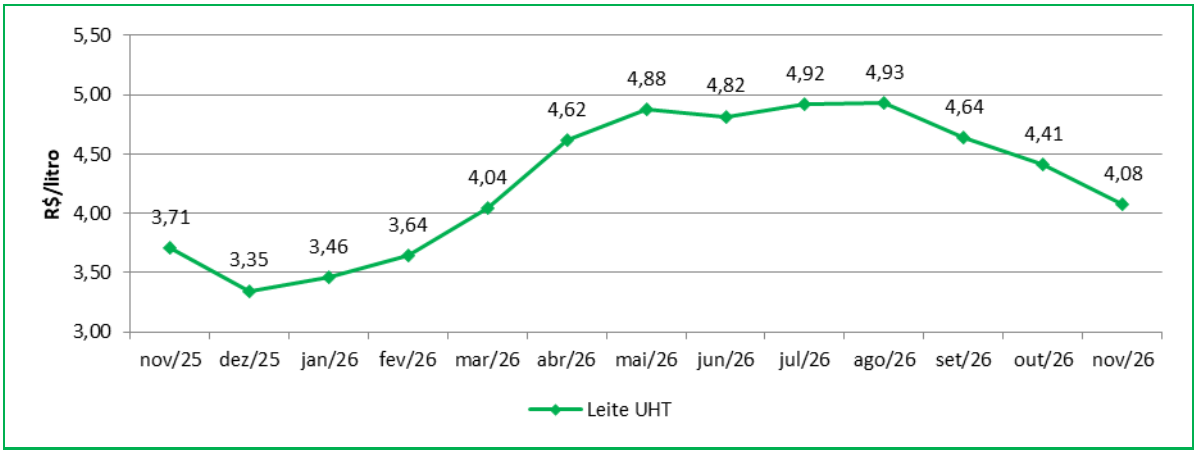
Leite UHT

Em novembro de 2026, o mercado atacadista de leite UHT manteve a trajetória de queda iniciada em setembro, acumulando três meses consecutivos de retração nos preços (Figura 9).

- **Comparativo mensal (novembro/26 vs. outubro/26):** o preço médio do litro de leite UHT passou de R$ 4,41 para R$ 4,08, redução de R$ 0,33/litro (-7,5%). Em relação a agosto, quando foi registrado o maior preço do período (R$ 4,93/litro), a queda acumulada foi de aproximadamente 17,2%.

- **Comparativo anual (novembro/26 vs. novembro/25):** o preço médio passou de R$ 3,71 para R$ 4,08/litro, representando valorização de aproximadamente 10,0%.

Figura 9 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (nov./2025 a nov./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

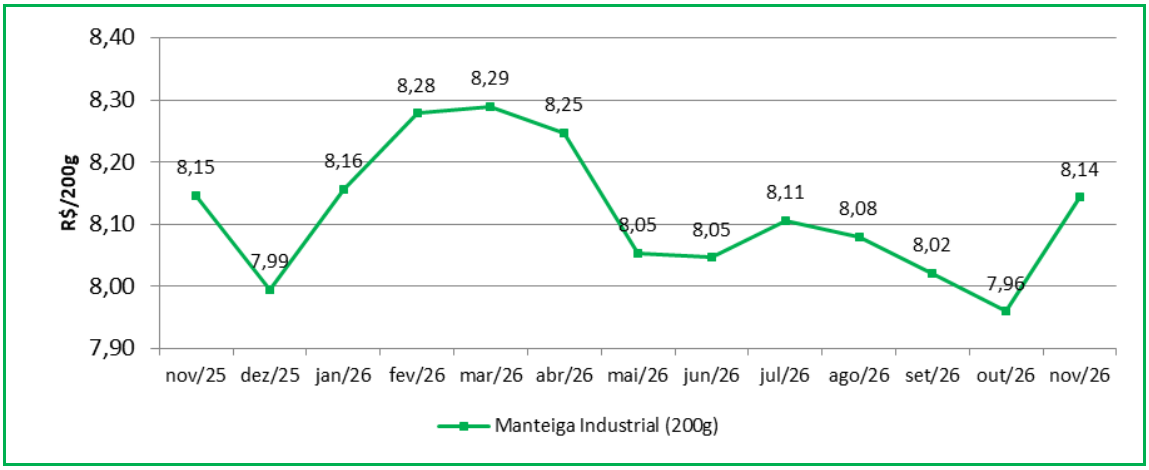
Manteiga

Em novembro de 2026, o preço da manteiga industrial (200g) apresentou recuperação nos primeiros 10 dias do mês, interrompendo a trajetória de queda observada nos três meses anteriores (Figura 10). Com a valorização, o preço aproximou-se do patamar registrado no mesmo período de 2025.

- **Comparativo mensal (novembro/26 vs. outubro/26)**: o preço médio da embalagem de 200g passou de R$ 7,96 para R$ 8,14, aumento de R$ 0,18 (+2,3%). Essa valorização interrompeu a sequência de três meses consecutivos de retração, acumulada em aproximadamente 1,8% entre julho e outubro.

- **Comparativo anual (novembro/26 vs. novembro/25):** o preço médio passou de R$ 8,15 para R$ 8,14, representando uma leve desvalorização de R$ 0,01 (-0,1%).

Figura 10 - Manteiga Industrial (200g) - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (nov./2025 a nov./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

Queijo Mussarela

Em novembro de 2026, o preço do queijo mussarela no atacado manteve a trajetória de queda iniciada em agosto, acumulando quatro meses consecutivos de retração (Figura 11).

- **Comparativo mensal (novembro/26 vs. outubro/26):** o preço médio passou de R$ 32,05 para R$ 30,32/kg, redução de R$ 1,73 (-5,4%). Em relação a julho, quando atingiu R$ 35,78/kg, a queda acumulada foi de 15,3%.

- **Comparativo anual (novembro/26 vs. novembro/25):** o preço passou de R$ 27,42 para R$ 30,32/kg, representando uma valorização de R$ 2,90 (+10,6%), considerando os valores corrigidos pelo IGP-DI.

Queijo Prato

Em novembro de 2026, o preço do queijo prato no atacado manteve a trajetória de queda observada desde outubro, após a recuperação registrada em setembro (Figura 11).

- **Comparativo mensal (novembro/26 vs. outubro/26**): o preço médio passou de R$ 33,93 para R$ 32,71/kg, redução de R$ 1,22 (-3,6%). Em relação a julho, quando atingiu o maior valor do período (R$ 36,91/kg), a queda acumulada foi de 11,4%.

- **Comparativo anual (novembro/26 vs. novembro/25):** o preço passou de R$ 27,93 para R$ 32,71/kg, representando uma valorização de R$ 4,78 (+17,1%), considerando os valores corrigidos pelo IGP-DI.

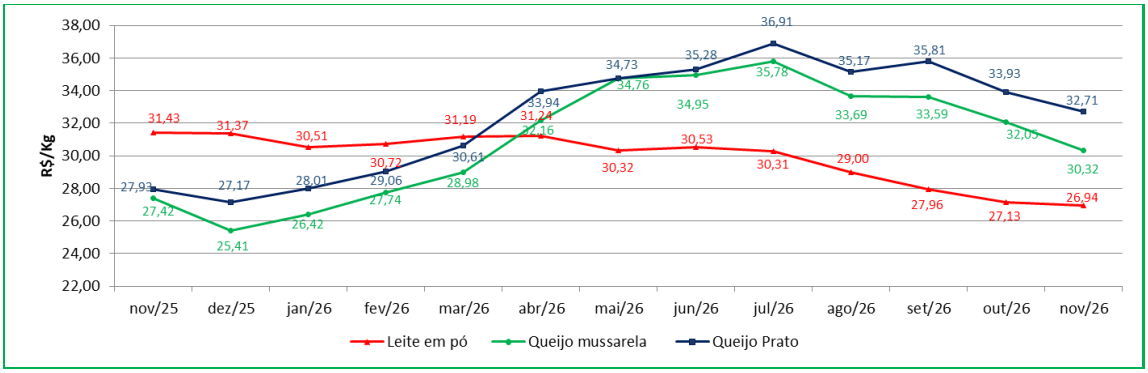
Leite em Pó

Em novembro de 2026, o preço do leite em pó no atacado manteve a trajetória de desvalorização iniciada em agosto, acumulando quatro meses consecutivos de retração e atingindo o menor valor da série apresentada (Figura 11).

- **Comparativo mensal (novembro/26 vs. outubro/26):** o preço médio passou de R$ 27,13 para R$ 26,94/kg, redução de R$ 0,19 (-0,7%). Em relação a março, quando atingiu o maior valor de 2026 (R$ 31,19/kg), a queda acumulada foi de 13,6%.

- **Comparativo anual (novembro/26 vs. novembro/25):** o preço passou de R$ 31,43 para R$ 26,94/kg, representando uma desvalorização de R$ 4,49 (-14,3%), considerando os valores corrigidos pelo IGP-DI.

Figura 11 - Produtos Lácteos - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (nov./2025 a nov./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

Preços dos derivados no varejo

Em novembro de 2026, a quarta rodada do projeto piloto de monitoramento dos preços dos derivados lácteos no varejo da Grande Florianópolis apresentou predomínio de queda nos preços médios em relação a outubro (Tabela 3). Dos cinco produtos acompanhados, três registraram redução e dois apresentaram valorização.

O maior aumento foi observado no queijo mussarela fatiado, cujo preço médio passou de R$ 58,41/kg para R$ 60,42/kg, alta de 3,43%. A manteiga (200g) também apresentou valorização de 0,87%, passando de R$ 12,65 para R$ 12,76 por embalagem.

Entre os produtos que apresentaram queda, o leite em pó registrou a maior retração (-4,59%), passando de R$ 55,31/kg para R$ 52,77/kg. Na sequência, aparecem o leite UHT, com redução de 2,22%, de R$ 5,82 para R$ 5,69/litro, e o queijo prato fatiado (-0,52%), cujo preço médio passou de R$ 59,85/kg para R$ 59,54/kg.

Além das variações mensais, os resultados evidenciam ampla dispersão dos preços entre marcas e produtos pesquisados. O leite em pó apresentou preços entre R$ 33,72/kg e R$ 84,97/kg, enquanto a manteiga variou de R$ 7,99 a R$ 34,50 por embalagem de 200g. Entre os queijos fatiados, os preços oscilaram de R$ 34,90/kg a R$ 126,60/kg para a mussarela e de R$ 46,60/kg a R$ 81,26/kg para o queijo prato. O leite UHT apresentou preços entre R$ 4,29 e R$ 8,69/litro.

Tabela 3 - Preço mínimo, médio e máximo dos derivados do leite no varejo

Produto	Unidade	Preço Mínimo Nov. 2026	Preço Máximo Nov. 2026	Preço Médio Nov. 2026	Preço Médio Out. 2026	Var. mensal do preço médio
Leite em Pó	Kg	33,72	84,97	52,77	55,31	-4,59%
Leite UHT	Litro	4,29	8,69	5,69	5,82	-2,22%
Manteiga	200g	7,99	34,5	12,76	12,65	0,87%
Queijo Mussarela (fatiado)	Kg	34,9	126,6	60,42	58,41	3,43%
Queijo Prato (fatiado)	Kg	46,6	81,26	59,54	59,85	-0,52%

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2026

Nota: Os preços mínimo, médio e máximo foram calculados a partir dos preços das diferentes marcas disponíveis nos estabelecimentos pesquisados. Dessa forma, a amplitude observada reflete a diversidade de produtos comercializados e não, necessariamente, diferenças de preços entre estabelecimentos.


Epagri
CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola